



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE SÃO BERNARDO
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

DALRIANE MIRANDA ESCORCIO

**FILOSOFIA E LITERATURA EM ALBERT CAMUS:
A Existência entre o Absurdo e a Revolta**

SÃO BERNARDO-MA
2019

DALRIANE MIRANDA ESCORCIO

FILOSOFIA E LITERATURA EM ALBERT CAMUS:
A Existência entre o Absurdo e a Revolta

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado(a) em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Wandilson Silva de Miranda

SÃO BERNARDO-MA
2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Escorcio, Dalriane Miranda.

FILOSOFIA E LITERATURA EM ALBERT CAMUS : A Existência
entre o Absurdo e a Revolta / Dalriane Miranda Escorcio. -
2019.

63 f.

Orientador(a): Wandêilson Silva de Miranda.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São
Bernardo, 2019.

1. Absurdismo. 2. Criação. 3. Existencialismo. 4.
Literatura. 5. Revolta. I. Miranda, Wandêilson Silva de.
II. Título.

DALRIANE MIRANDA ESCORCIO

FILOSOFIA E LITERATURA EM ALBERT CAMUS:
A Existência entre o Absurdo e a Revolta

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado(a) em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Wandelson Silva de Miranda

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wandelson Silva de Miranda
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Alina Silva Sousa de Miranda
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Tedson Maykell Braga Teixeira
Universidade Federal do Maranhão

SÃO BERNARDO-MA
2019

AGRADECIMENTOS

A minha família pelo amor, carinho e apoio incondicional.

Ao Carlos Vilar pelo amor, carinho e companheirismo.

Ao prof. Dr. Wandilson Miranda pela excelente orientação, por sua paciência e amizade durante essa caminhada acadêmica.

Aos amigos do grupo de estudo Luciano, Monelle, Wellison e Jair Emanuel pelas conversas filosóficas.

A Prof^a Dr^a Alina Silva Sousa de Miranda e o Prof. Dr. Tedson Maykell Braga Teixeira por aceitarem participarem da banca.

A vida é curta, e é pecado perder tempo, na medida em que nos perdermos. Hoje é uma parada e meu coração parte ao encontro de si mesmo. Se uma angústia ainda me oprime, é por sentir esse impalpável instante escorrer por entre meus dedos, como as partículas de mercúrio. Deixem, pois, aqueles que querem dar as costas ao mundo. Não me queixo porque me vejo nascer. Neste momento, todo o meu reino é desse mundo.

(Albert Camus)

RESUMO

Nessa monografia procuramos manter o diálogo entre a filosofia e a literatura para termos maior compreensão da existência humana. A princípio iniciamos nossa investigação sobre a filosofia existencialista e as inquietações desses filósofos sobre a existência do homem no século XX e as conclusões que os mesmos chegaram diante do absurdo existencial, além disso, apresentamos a diferença entre a filosofia existencialista e a filosofia absurdista por meio dos filósofos Jean-Paul Sartre e Albert Camus, analisando o romance *A náusea* e o romance *O estrangeiro*. O filósofo franco-argeliano Albert Camus foi fundamental para a realização desse trabalho, já que, nele encontramos elementos como o absurdo, a revolta, a liberdade, a consciência que será indispensável para expormos o tema da criação absurda, em suma esse trabalho monográfico encontrou em Camus elementos para pensar a modernidade e os problemas dela. Para chegarmos ao debate sobre a criação, enquanto possibilidade para um *ethos* moderno deve-se compreender a revolta como princípio de criação.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Existencialismo. Absurdismo. Revolta. Criação.

ABSTRACT

In this monograph we try to maintain the dialogue between philosophy and literature in order to have a greater understanding of human existence. At first we begin our investigation on existentialist philosophy and the concerns of these philosophers about the existence of man in the twentieth century and the conclusions that they came before existential absurdity, in addition, we present the difference between existentialist philosophy and absurdist philosophy through philosophers Jean-Paul Sartre and Albert Camus, analyzing the novel *Nausea* and the novel *The Stranger*. The Algerian philosopher Albert Camus was fundamental to the realization of this work, since, in it we find elements such as absurdity, revolt, freedom, consciousness that will be indispensable for exposing the theme of absurd creation, in short this monographic work found in Camus elements to think of modernity and its problems. In order to come to the debate on creation, as a possibility for a modern ethos one must understand the revolt as a principle of creation.

KEYWORDS: Literature. Existentialism. Absurdism. Revolt. Creation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 FILOSOFIA EXISTENCIALISTA.....	13
1.1 Premissas filosóficas do existencialismo.....	13
1.2 Pensadores existencialistas.....	16
1.3 Sartre e Camus.....	19
2 ALBERT CAMUS: Do Absurdo a Revolta.....	25
2. 1 Absurdo.....	26
2.2 Suicídio.....	33
2.3 O homem absurdo.....	36
2.4 Revolta e Revolução.....	38
2.5 Revolta Metafísica.....	42
2.6 Revolta Histórica.....	44
3 A CRIAÇÃO SEGUNDO ALBERT CAMUS.....	48
3.1 O papel do escritor engajado.....	48
3.2 Criação Absurda.....	50
3.3 Romance de tese e Romance absurdista.....	53
3.4 A absurdidade no romance O estrangeiro.....	56
CONCLUSÃO.....	61
REFERÊNCIAS.....	64

INTRODUÇÃO

Por muito tempo foi conveniente debater filosofia e literatura como conhecimentos dicotômicos ou a literatura sendo uma “muleta” da filosofia, esse trabalho possui uma abordagem diferente sobre esses campos de saberes, a proposta é um diálogo entre ambas, mas essa proposição não é algo inédito ao longo da história, diante disso esse trabalho fará essa discussão buscando um equilíbrio entre elas.

Essa pesquisa surgiu a partir de debates sobre o *ethos* antigo e moderno, em uma tentativa de compreender ou de identificar um *ethos* na modernidade. Pois, após as evoluções científicas que vieram acontecendo ao longo dos séculos, parece que a arte ganhou apenas uma dimensão do belo e do entretenimento e as ciências acabaram por receber a responsabilidade de explicar a realidade. A sugestão dessa pesquisa é colocar a arte, em especial a literatura, em um diálogo com a filosofia, mas esse diálogo é horizontal, pois ambas possibilitam uma maior compreensão da humanidade. Agimos dessa forma partindo da ideia de que não é possível definir ou compreender o homem apenas por conceitos fechados, o homem não é um amontoado de conceitos e definições – os sentimentos humanos não podem ser definidos em um formato definitivo, não dá para expressar o amor, a amizade, a solidariedade, a solidão, o medo, a dor por meio de cálculos matemáticos ou por qualquer sistema de análise lógico. Não precisamos de sistemas filosóficos ou qualquer que sejam para poder sentir e viver, porém, ao contrário, a filosofia precisa de nossa existência para estabelecer seus objetos e objetivos.

O franco-argeliano Albert Camus é um intelectual¹ que torna possível fazer essa abordagem horizontal entre a filosofia e a literatura, pois nele encontramos uma tentativa de formação de um *ethos* moderno. Em seus cadernos ele afirma que suas obras nascem das suas emoções e experiências existenciais, e para apresentar esse *ethos* ele escreveu obras filosóficas e literárias, pois só uma delas não seria suficiente para expor a dimensão da existência humana no mundo. Outro ponto que teve grande relevância na escolha desse autor para esse debate foi o fato da sua análise e proposta estarem no presente e na existência

¹ “Intelectual? Sim. E nunca renunciar. Intelectual: aquele que se desdobra. Isso me agrada. Fico contente em ser os dois. ‘Se isso pode se unir?’. Questão prática. É preciso pôr mãos à obra. ‘Eu desprezo a compreensão’ significa, na verdade: ‘Eu não posso suportar minhas dúvidas’. Eu prefiro manter os olhos abertos” (CAMUS, 2014c, p.31). Diante dessa afirmação dele compreende-se que precisamos da filosofia e da literatura, e ele se afirma como intelectual responsável e com pretensões éticas, e o seu trabalho intelectual é uma larga produção romancista, ensaísta, jornalista, dramaturgista e filosófica, nessa tentativa de desenvolver o *ethos* moderno.

concreta do indivíduo, e nele debatemos dentro de três campos de estudos bem expressivos no século XX e posteriormente no século XXI que são filosofia, literatura e política, fundamental para a compreensão de nosso tempo.

Portanto, esse trabalho não tem a pretensão de fazer um recorte histórico sobre o diálogo entre a filosofia e a literatura, ele se situa no século XX. Primeiramente apresentaremos a corrente filosófica existencialista, as suas premissas no século XIX com Kierkegaard e Nietzsche e as preocupações existenciais que influenciaram as teorias do século XX; apontaremos para a diversidade entre os pensadores dessa corrente de pensamento que é tanto filosófica quanto literária, como representantes da filosofia existencialista temos Simone de Beauvoir, Merleau-Ponty, Gabriel Marcel, esse trabalho apresentará o pensamento de Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre representantes do existencialismo ateu e Karl Jaspers representando o existencialismo cristão. Albert Camus é apresentado como um filósofo existencialista, mas ele mesmo negou essa denominação, ele se considerava um filósofo absurdista. Deve-se levar em conta que apesar dele partir do mesmo ponto comum dos filósofos existencialistas, ele inaugura uma nova perspectiva para a existência humana, no tempo presente e no conflito entre o homem e o mundo, colocando o indivíduo como uma realização de felicidade no agora, enquanto que pensadores como Sartre colocava o homem enquanto um arquiteto para o futuro, ou seja, um projeto a ser realizado no futuro.

O aparecimento do existencialismo filosófico-literário surge em sua máxima expressão na França com Jean-Paul Sartre, já que Sartre em sua vasta produção intelectual escreveu romances filosóficos, um deles será abordado nesse trabalho para exemplificar sua compreensão existencial-filosófica, para isso escolhemos o romance *A náusea*.

Então os “ingredientes” dessa investigação são as preocupações existenciais como matéria para a criação. Para a discussão desse problema teremos como companheiros Jean-Paul Sartre e Albert Camus.

O século XX sendo marcado por conflitos armados e ideológicos esses intelectuais transitaram entre Filosofia - Literatura- Política como escritores engajados, no entanto, esses “amigos” tiveram divergências inconciliáveis que separaram suas filosofias. Logo esse trabalho apresenta a diferença entre a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre e a filosofia absurdista do filósofo franco-argeliano Albert Camus. Porém, nosso interesse não é produzir uma monografia sobre a relação Sartre e Camus, mas utilizar, a partir de determinadas questões, a ambivalência e as contradições da filosofia existencialista.

Na segunda parte será apresentado o pensamento de Albert Camus e os seus conceitos filosóficos. O absurdo sendo o ponto de partida da sua filosofia, ou seja, o conflito

entre o homem e o mundo e as consequências desse despertar para a revolta, a liberdade e a criação.

A terceira parte dessa investigação apresentará a diferença entre o romance de tese de Jean-Paul Sartre *A náusea* e o romance absurdista de Albert Camus *O estrangeiro*. Demonstrando a importância da escrita enquanto ofício para Camus e a sua responsabilidade diante do século XX, essa responsabilidade ultrapassa a dimensão moral, afirmando uma dimensão ética.

Revelando Albert Camus enquanto artista e romancista absurdista, tendo como referência o romance *O estrangeiro*. Partindo da investigação sobre o absurdismo da obra e as principais características que fazem dela um romance absurdista, debateremos o processo de criação absurdista e suas características.

1. FILOSOFIA EXISTENCIALISTA

Iniciamos nessa primeira parte uma apresentação introdutória sobre a filosofia existencialista, expondo as ideias e os filósofos precursores sobre as questões existenciais no século XIX. Tais questões existenciais surgem com Nietzsche e Kierkegaard com as suas investigações no plano individual, onde temos contatos com temas como a existência autêntica e inautêntica, angústia, desespero. Dando continuidade comentaremos sobre as ideias filosóficas de Karl Jaspers e Martin Heidegger e finalizaremos esse primeiro diálogo apresentando Jean-Paul Sartre e Albert Camus fazendo as diferenciações filosóficas e político-ideológicas entre eles.

2.1 Premissas filosóficas do existencialismo

No século XIX surge com Kierkegaard e Nietzsche preocupações com a existência do homem, esses dois filósofos estavam partindo de uma crítica aos sistemas filosóficos lógicos, já que em ambos encontramos uma inquietação sobre o homem no plano individual, pois a filosofia estava mergulhada em uma busca pela verdade, baseada exclusivamente na racionalidade.

No século XIX, acreditava-se numa verdade absoluta, numa razão clara e distinta. O positivismo surgiu como um “canto de galo” anunciando as promessas de uma nova era. O século XX parece não acreditar em mais nada. Onde o século XIX via clareza, simplicidade e facilidade, o século XX só vê enigmas e escuridão. O mundo do século XX parece ser um mundo artificial onde tudo é absurdo. É precisamente nestes termos que os filósofos, desde Kierkegaard até Sartre, procuram repensar essa existência aparentemente gratuita (GILES, 1989, p. 1).

O século XIX anunciou um mundo novo para a humanidade, a ciência iria transformar o mundo em um verdadeiro “paraíso”, os homens foram alimentados de esperança, mas ao contrário do “paraíso” terrestre, a humanidade acabou mergulhando em caos e sofrimento. O homem estava vazio, e as suas ideologias científicas não passaram de uma “profecia” para as guerras e dizimação da humanidade. Então esse mundo sem sentido, a vida humana gratuita e vazia de sentido, levaram intelectuais a investigar esse absurdo, o indivíduo no plano existencial.

Kierkegaard e Nietzsche são as bases das investigações filosóficas que surgiram no século XX e que até os dias atuais exercem grande influências na história da filosofia.

Kierkegaard é conhecido como o pai do existencialismo e Nietzsche é um precursor dos problemas que os existencialistas do século XX ocupam-se, a filosofia nietzschiana não é propriamente uma filosofia existencialista, mas as suas intuições e teorias antecedem o existencialismo. “a filosofia da vida (*Lebensphilosophie*) e a Teoria dos Valores” (WOODWARD, 2016, p. 53) são correntes de pensamentos que estavam preocupadas com problemas particulares da existência humana. Segundo Woodward (2016, p. 72) “a partir de Jaspers, Nietzsche foi interpretado como um filósofo existencialista e tornou-se (ao lado de Kierkegaard) uma das mais importantes influências do existencialismo do século XX”. Diante disso é possível enfatizarmos que a corrente filosófica existencialista² surge com esse nome no século XX, mas as premissas dessa corrente estão no século XIX.

O filósofo cristão dinamarquês Søren Kierkegaard foi um dos primeiros a dar destaque às experiências como o desespero e o temor, por meio de seu pensamento sobre a existência humana, ele faz uma distinção entre a vida autêntica e uma vida inautêntica. Para Kierkegaard a vida possui três estágios: o estágio estético, que estaria no plano da sensação; o estágio ético, no plano da moral e dos costumes da sociedade e por último o estágio religioso, nesse estágio a pessoa encontraria a si própria.

No primeiro estágio, o estético, o homem busca um sentido para a sua existência. Enquanto investiga as razões de seu viver, permanece sob o total domínio dos sentidos, dos sentimentos. [...] É através do desespero que o homem alcança o seguinte, o ético, pois só assim abandonará as experiências dissipadoras e a atitude passiva diante da realidade. [...] No estágio ético, a personalidade do indivíduo permanece livre, mas nos limites estabelecidos pela sociedade. [...] Se as exigências da ética conscientizam o indivíduo de suas falhas, não conseguem, contudo, proporcionar-lhe a existência pela qual anseia. Esta ele só encontrará no estágio religioso, a fase culminante do desenvolvimento existencial. Mediante a religiosidade, o homem alcança uma relação particular com o Absoluto. Deus torna-se a regra do indivíduo, a única fonte capaz de realizá-lo plenamente (PENHA, 2001, p. 17-18-19).

Portanto, para que aconteçam essas mudanças de estágio é necessário um salto radical na existência humana, que só seria possível por meio de uma ideia de moralidade, concepção que acompanhará os pensadores existencialistas. O mesmo está imbuído do sentimento religioso, a ideia de Deus. Esse pensador dinamarquês é um cristão, a sua filosofia está ligada a sua própria vida, a suas experiências existenciais. “Kierkegaard vê o homem como existente concreto e que só se compreende existindo; não aquele que poderá ser

² Sartre é o responsável pela propagação do existencialismo na França e nomeou sua filosofia de existencialista, ao contrário de outros pensadores que negaram esse rótulo.

definido exclusivamente pela lógica” (SÁ, 2009, p. 21). Portanto o existencialismo ou filosofias da existência³ não tem por pretensão fundar um sistema filosófico lógico.

Em Kierkegaard o indivíduo é livre, mas não há uma liberdade plena, como a que encontramos em Sartre, o indivíduo para ele é submetido a forças que não controla. “O Indivíduo é livre. Ser livre significa contribuir para a própria realização, mas significa também poder negar essa realização, significa tanto destruir como construir” (GILES, 1989, p. 19). Então o homem está dentro de um universo de possibilidades, tanto para a criação quanto para a destruição o homem kierkegaardiano diante da experiência de absurdo se depara com o desespero, “esse desespero pode assumir três formas: o desespero motivado pelo desejo de não ser si-próprio; o desespero motivado pelo desejo de si-próprio; e o desespero pelo fato de não ser consciente de ter um ‘eu’” (GILES, 1989, p. 14). São essas circunstâncias externas que impulsionam a mudança de estágio. A primeira forma de desespero é a forma passiva, onde o indivíduo não quer acreditar que exista uma saída para os problemas existenciais, mas mesmo assim ele não abandona o seu eu; a segunda é a forma do desespero inconsciente, o indivíduo está em um estado de “dormência” prefere acreditar nas ilusões do mundo, na sua falsa felicidade, a enfrentar esse absurdo existencial; a última forma é o desespero da fraqueza, onde o indivíduo não quer encontrar o seu eu, um sentido para a sua existência gratuita, nessa fase o homem recusa todo tipo de esperança.

Kierkegaard nos apresenta um pensamento que salienta a existência enquanto momento dramático, fusão entre o universal e o particular, elemento que representa o *phatos* e a tensão entre o racional e o irracional, entre a liberdade e o determinismo, entre a individualidade e as existências da coletividade, entre a obrigação moral e a falta de responsabilidade, entre a explicação abstrata e o mistério individual que somos nós. [...] O pensamento de Kierkegaard não contém outra coisa, não é outra coisa senão o estudo profundo, impiedoso, cruel até, das diversas formas da luta do homem consigo próprio para a conquista da existência, que é a conquista do próprio “eu” em sua individualidade. (GILES, 1989, p. 22)

Tanto a discursão sobre a individualidade⁴ humana permanecerá nas intuições de todos os filósofos que são rotulados de existencialista, quanto à discursão sobre a liberdade.

³ O termo existencialismo não foi muito aceito pelos pensadores dessa corrente de pensamento, em virtude que alguns apontam que o termo é muito reducionista. Em virtude disso é comum se usar filosofias da existência. “O pensador existencialista preocupa-se com os problemas antropológicos da existência humana; o filósofo existencial aceita esta designação apenas porque ela visa o que a tal filósofo importa: a estrutura ek-sistencial do homem, de fuga de si, e toda a problemática, aí incluída, da união compreensiva do Ser – que é o que lhe interessa profundamente. Assim pois, o <existencialista> (e aí um Sartre) mover-se-á numa dimensão <ôntica>, adiante definida; e o <existencial> - ele, Heidegger – numa dimensão <ontológica>. O que Heidegger portanto visa não é uma <antropologia concreta>, o <ôntico>, o imediato, mas sim o que há de estrutural no próprio Dasein e o que ele chama os <existenciais>, ou seja o que, para uma relação com o mundo, o ser, se determina nessa estrutura ontológica do mesmo Dasein.” (FERREIRA, 1970, p. 64-65).

Logo esse debate fundamenta-se no estar no mundo, o indivíduo estar no mundo e por meio disso criará toda a sua existência.

1.2 Pensadores existencialistas

A corrente filosófica e literária existencialista surgiu na Europa particularmente na França no século XX, tem como principal preocupação o absurdo da existência humana e o sentimento trágico da vida, isto é, a existência humana é o campo de investigação dessa corrente filosófica. A França nesse período estava em conflitos, a Segunda Guerra Mundial e a ocupação alemã, e esse momento de certa forma é oportuno para reflexões existenciais, já que a guerra trouxe questões como o medo, desespero, morte e sofrimento, mas devemos entender, que mesmo essa corrente ter surgido nesse período histórico, os questionamentos sobre a existência humana, o debate sobre a vida e as paixões humanas não são exclusividade desse período na Europa, já existiam desde a filosofia antiga preocupações “existenciais”, ou seja, questionamentos existenciais de alguma forma atormentaram o homem desde sempre. É nesse contexto onde a esperança se extinguiu, o medo dominava a existência humana, a vida de certa forma não possuía valor algum, a morte era a única certeza, esses debates toma grande proporção.

O homem é o centro das investigações existencialistas, o homem em sua “nudez” só lhe resta a sua vida, essa vida que com a “morte de Deus” não está ligada a algum propósito divino, a vida não é mais um milagre concedido por um deus. O existencialismo, portanto parte do homem diante da sua dimensão humana, “assim ao próprio <existencialismo> o repelimos, quando ele tende a uma espécie de sistema do <absurdo>, da <angústia>; à fuga aos problemas mediante as estratégias das soluções de expediente, nós preferimos o próprio problema com todas as consequências dolorosas de uma não-solução” (FERREIRA, 1970, p. 109). Essa corrente não busca a fundamentação de um sistema filosófico, e nem uma verdade absoluta, mas a investigação de problemas existenciais.

⁴ É necessário esclarecer que essa individualidade que esses filósofos enfatizam não quer dizer que não há necessidade de um grupo, de outras pessoas para a construção autêntica de uma existência. “A glória de um homem poder saber-se homem ergue-se sobre a certeza de que os outros os reconhecem – de que noutros se reconhecem. [...] Existem os outros no nosso remoto horizonte, como na mais curta dimensão de nossos gestos. Existe o outro na efetivação das nossas lutas, das conquistas com que afirmámos a nossa libertação, com que superámos o que nos dominou na longa história da nossa alienação. A glória do que somos concretamente foi o outro que conosco a conquistou.” (FERREIRA, 1970, p. 105).

O que torna o caso complicado é que há duas espécies de existencialistas: de um lado há os que são cristãos, e entre eles incluirei Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica; e de outro lado, os existencialistas ateus, entre os há que incluir Heidegger, os existencialistas franceses e a mim próprio (SARTRE, 1970, p. 212-213).

Não há uma homogeneidade de pensamentos entre os intelectuais que são denominados de existencialistas e muitos deles negaram essa denominação. Sartre⁵ é o único que defende essa corrente.

Mas apesar das diferenças de pensamentos entre os autores existencialistas, há algo que os torna existencialistas, que é justamente a preocupação com o ser humano, como seres individuais. Outro ponto é que esses pensadores não estavam procurando uma verdade em bases absolutamente racionais, não estavam buscando fundar um sistema filosófico, já que suas especulações recaem sobre o sentimento humano e a sua finitude: “O sujeito existencialista não se reduz ao pensamento racional, mas, antes, compreende todo o espectro de faculdades e experiências humanas, incluindo emoções, sensações e o corpo (embora não em um sentido científico-biológico)” (WOODWARD, 2016, p. 62); o centro de investigação do existencialismo é o homem de forma individualizada.

Sem dúvida, o “existencialismo” é apenas um conceito bem geral usado para agrupar uma série de diversos pensadores e filósofos com certos temas em comum. Se quiséssemos exprimir de forma concisa o núcleo conceitual do existencialismo, nós poderíamos dizer que se trata daquela filosofia que se preocupa fundamentalmente com o *indivíduo existente, colocando, só, diante de um universo sem sentido*. Para aprofundamos um pouco mais nos temas existencialistas, podemos organizá-los em torno de três pontos centrais: como o existencialismo vê o mundo, como ele vê o Eu e o que ele vê como a forma correta de pensar e escrever sobre os assuntos existencialistas (WOODWARD, 2016, p. 61).

Então de acordo com Woodward os filósofos existencialistas pensam a partir de três pilares, o homem na sua existência concreta, o homem enquanto um indivíduo, e o mundo diante da absurdidade (conceito de Camus que veremos adiante), ou seja, todos têm como concepção o diagnóstico do absurdo, a ausência de propósito e de sentido da vida.

Martin Heidegger filósofo alemão recusa a denominação de existencialista, pois declara que apenas elaborou uma analítica existencial⁶. Suas investigações parte sobre o Ser,

⁵ “O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Declara ele que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito, e que este ser é o homem ou, como diz Heidegger a realidade humana” (SARTRE, 1970, p. 216). Sartre fundamenta as bases do existencialismo ateu e é o maior representante dessa linha de pensamento existencialista.

⁶ “A analítica existencial, por sua vez, nenhum interesse demonstra pela existência pessoal, e os problema dela oriundos. Em *Ser e Tempo*, seguindo a recomendação husserliana, o propósito de Heidegger é discutir o Ser, é estabelecer uma ontologia geral, descrevendo os fenômenos que caracterizam tais como se apresentam à consciência trata-se, enfim, de elaborar uma teoria do Ser” (PENHA, 2001, p. 25-26).

em uma compreensão ôntica,⁷ pois não há uma definição do Ser, já que a definição em algo lógico ou concreto faria com que o Ser perdesse seu caráter universal. “Heidegger não concebe o Ser como um ser particular, tampouco como o conjunto de todos os seres particulares com os quais lidamos em nossa experiência cotidiana. Limita-se a afirmar que o Ser é aquilo que faz com que o mundo seja – e que assim apareça ao homem” (PENHA, 2001, p. 27). Ele busca investigar tudo que existe no mundo, não apenas o homem como ser individual.

É na morte, diz Heidegger, como possibilidade derradeira da existência, como fim para o qual *Dasein* se dirige, que o homem se totaliza. Ela não é o fim da existência humana, entendida a palavra como sinônimo de chegada, término de uma jornada. Quando chegamos ao fim de um itinerário ainda existimos, permanecemos vivos, temos a consciência de haver concluído algo. Ao chegarmos à metade de um percurso só atingiremos um fim se percorrida a metade restante. A morte, entretanto, é um fim de que pode ocorrer repentinamente, pondo termo assim à existência individual. Em princípio, ela nos parece algo exterior, fora de nosso controle, que sem avisar nos aniquila. Por isso, nos inquietamos, nos assustamos diante da exterioridade, da imprevisibilidade da morte. Todo o projeto humano, dessa forma, está na dependência da morte. A morte é o termo final de nossos projetos, exclama Heidegger (PENHA, 2001, p. 33-34).

Portanto, para Heidegger, a existência pode ser autêntica ou inautêntica, a forma autêntica está relacionada ao que ele define como ser-para-a-morte, o homem consciente da sua finitude, aceita a morte como algo inevitável, a experiência da morte é o que torna o homem um ser autêntico. Já a existência inautêntica está relacionada à ideia que o homem não aceita a finitude, está preso na cotidianidade e na ideia de uma existência infinita, o homem não se permite viver com a angústia da morte como um fim inevitável, tenta a todo o custo fugir da angústia da morte.

Karl Jaspers é um existencialista cristão, sua reflexão filosófica não fundamenta nenhuma teoria, para ele o ato de filosofar é uma atitude própria da existência. O indivíduo é o responsável por procurar as respostas para as suas inquietações e essas partem do concreto da existência. “A meta, a tarefa primária da Filosofia será, então, esclarecer a existência daquele que coloca as questões filosóficas” (GILES, 1989, p. 220). Sendo assim a investigação de Jaspers parte da própria existência do ser, o indivíduo inicia suas inquietações com inquietações pessoais. A filosofia existencial de Jaspers como ele nomeou é baseado em conceitos-chaves o *Dasein* (Ser-objeto) sendo o ponto central de investigação da existência parte da realidade empírica, mas o *Dasein* depende da existência concreta do

⁷ Heidegger faz uma distinção entre a compreensão ontológica e a compreensão ôntica do Ser, Segundo Reynolds (2014, p. 38) “a investigação ôntica examina entidades, ou entes. A investigação ontológica examina o que possibilita às entidades existirem, ou o ser”.

homem, e não é determinado e nem é um fenômeno da natureza, isto é, não se limita ao homem, é uma tensão perpétua; a existência (Ser-sujeito) é o homem na sua vida autêntica, e isso só é possível por meio da Razão, o homem passa por um processo de reflexão⁸, a existência manifesta-se como Dasein (Ser-do-mundo); e a transcendência ocorre por meio da fé e da liberdade, pois a liberdade coloca o homem diante das situações-limites⁹ que possibilita o homem efetivar sua existência autêntica.

1.3 Sartre e Camus

O existencialismo francês tem como representantes Jean-Paul Sartre e Albert Camus, de acordo com Ashley Woodward apesar das diferenças de posicionamentos que surgem expressivamente no pós-guerra, tanto Sartre quanto Camus partem do problema apontado por Nietzsche, o niilismo¹⁰. Mas Sartre não deixar clara a sua ligação com as premissas de Nietzsche. Todavia “o problema que serve como um ponto de partida para ambos é o niilismo ou o sentido da vida na esteira da morte de Deus. Ambos respondem a esse problema referindo-se ao indivíduo criativo como um provedor de sentido” (WOODWARD, 2016, p. 76). Sartre afirma que o homem é o responsável por seu próprio destino, o homem é livre para fazer o seu destino, a liberdade é o que fundamenta o argumento de Sartre, diante disso o homem é um ser criativo, e é capaz de conduzir seu destino, o próprio sentido da sua existência no mundo.

⁸ Para Jaspers o “caminho” para a existência autêntica para não é por via do pensamento, mas sim por meio do movimento de reflexão sobre a existência, “A via da autenticidade existencial postulada por Jaspers não pode ser, por consequência, a via do *cogito*, mas a via da *reflexão* (re-flexão). Superado o nível do *conhecer* e do mundo objectivo, trata-se agora de *esclarecer* o sentido da Existência” (PERDIGÃO, 2001, p. 544).

⁹ Segundo Perdigão o conceito de situações-limite é central na teoria existencial de Karl Jaspers está relacionado com situações da existência concreta do homem como a culpa, a morte o sofrimento e a luta.

¹⁰ O *niilismo* é um conceito que de acordo com Müller-Lauter, Nietzsche se depara em 1880 por meio de escritores contemporâneos e devido ser um conceito bem popular na língua alemã e possui uma ligação com o sentimento de náusea, diante disso a filosofia nietzschiana tem como conceito central: o niilismo. Ao longo da trajetória de Nietzsche notam-se três fases do niilismo, a primeira sendo o diagnóstico do niilismo, onde ele identifica a decadência da civilização Ocidental, isto é, ele observou que a modernidade cultivou a “semente” do niilismo, ou seja, os valores estavam tornando-se desvalorizados ou desvalorizados, uma espécie de colapso de todos os valores; na segunda fase temos a radicalização do niilismo, pois com a “morte de Deus” todos os valores ligados a essa ideia foram desvalorizados, “dessa forma, a ideia de Deus para Nietzsche não era simplesmente a do Deus teísta, mas, antes, a ideia que representava todas as crenças metafísicas que dão origem e significado ao mundo. Portanto, a radicalização de Nietzsche sobre o niilismo envolve (i) expandir a noção de morte de Deus para a morte de todas as crenças metafísicas, (ii) demonstrar a insustentabilidade dessas outras crenças metafísicas, (iii) mostrar como a desvalorização do além-mundo postulado (céu, formas platônicas etc.) leva a uma necessária desvalorização dos valores deste mundo (moral etc.)” (WOODWARD, 2016, p. 28); na terceira fase Nietzsche propõe uma superação do niilismo, isto é, uma transvalorização, por meio das ideias de vontade de potência, eterno retorno e o Além-homem. Logo esse niilismo está relacionado a uma ausência de sentido da vida, uma vontade para o nada, mas esse querer dessa vontade está ligado a uma potência criativa.

O papel central da criatividade na filosofia de Sartre torna-se evidente no bem conhecido *slogan* do existencialismo: *a existência precede a essência* (SARTRE, 1975: 348). Isso significa que, pelo fato de os seres humanos serem dotados com consciência e não estarem sujeitos aos constrangimentos das leis determinísticas de causa e efeito, nós somos radicalmente livres para criar a nós mesmo (WOODWARD, 2016, p. 78).

A conferência *O existencialismo é um humanismo* fez de Sartre o principal porta-voz do existencialismo francês, e um dos mais populares dessa corrente de pensamento. Sendo assim a existência parte do concreto e a essência do abstrato, o homem segundo Sartre é livre e pode fazer de sua vida um experimento de criação significativa, “em suma, como Daigle aponta, tanto Sartre como Nietzsche substituem Deus como provedor de sentido pelo ser humano criativo” (WOODWARD, 2016, p. 79) é como se o homem fosse o grande arquiteto da sua existência, ele que deve traçar os planos e o sentido para as suas ações no mundo.

A ligação de Albert Camus com Nietzsche, ao contrário de Sartre, é bem clara. O niilismo para Camus tem duas consequências o suicídio debatido n’*O mito de Sísifo*, nessa obra o niilismo aparece de forma individual; já o niilismo presente n’*O homem revoltado* tem como consequência o assassinato, isto é, aparece de forma coletiva, pois quando se mata em revolução a morte ganha uma dor e uma responsabilidade por parte da sociedade. “Camus explora a forma pela qual o niilismo filosófico pode potencialmente justificar cada uma destas ações radicais, preocupando-se ainda em mostrar como tais justificativas podem ser rejeitadas e o problema do niilismo, superado” (WOODWARD, 2016, p. 82). Sendo assim Camus é influenciado por ideias nietzschianas, no início de sua produção intelectual, mas durante o pós-guerra fez crítica à filosofia de Nietzsche, já que Camus afirmava que os textos de Nietzsche apontavam para o suicídio filosófico.

A concepção de Camus sobre o absurdo é, desde seu início, fundada no diagnóstico de Nietzsche sobre o niilismo, sua lúcida consciência da falta de sentido, verdade e finalidade, que resulta na morte de Deus, além de sua consciência da realidade do sofrimento humano que acompanha esse silêncio (WOODWARD, 2016, p. 82 *apud* DUVALL, 1999:40).

O absurdo é então consequência do niilismo diagnosticado por Nietzsche, a falta de sentido da vida e a ausência de valor no mundo. A absurdidade “da vida não é a pura e simples ausência de sentido da vida, mas a tensão entre esses dois termos: a ausência objetiva de sentido e o desejo humano de sentido” (WOODWARD, 2016, p. 83). Camus assim como os pensadores existencialistas parte da investigação sobre a ausência de propósito ou sentido

da vida, mas ele vai além inaugurando um pensamento próprio, o absurdismo. Pois o homem além de ter consciência da ausência de sentido, ele está em confronto com o Eu e o mundo, e possui um desejo incansável por sentido, não há uma separação entre o homem e o mundo, mas um choque.

O existencialismo de Sartre discute a existência do indivíduo diante da ausência de Deus, pois se Deus não existe, então não existe uma moral objetiva no mundo a ser seguida. O homem é extremamente livre e responsável por sua existência, e pelas consequências da mesma, o homem quando nasce já está condenado à liberdade, não pode fugir de sua liberdade. Ele está livre dos dogmas, o homem é quem constrói os valores da humanidade. Diante disso o pensamento de Sartre abandona totalmente a ideia que existe uma essência anterior à existência do indivíduo. Para ele o homem não está determinado a ser algo ou alguma coisa é no decorrer de sua existência, pois é o homem que constrói o sentido de sua vida. “O que Sartre quer dizer é que um homem nada mais é do que uma série de empreendimentos, que ele é a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem estes empreendimentos” (GILES, 1989, p. 281). O homem é aquilo que escolhe ser, e é a liberdade que possibilita o homem construir sua própria história, o indivíduo existe no tempo e no espaço, isto é, existir é estar no mundo de forma concreta e definida, e a sua liberdade é exercida nesse mundo, o homem possui o direito de escolha.

Para Sartre o homem escolhe a partir de sua realidade, a nossa liberdade consiste nas escolhas que podemos fazer dentro das possibilidades, até o ato de decidimos não escolher já é uma escolha. O homem projeta sua existência a partir de sua realidade, ou seja, o homem não pode fugir de sua responsabilidade diante da escolha. “Sartre declara que estamos “*condenados a ser livres*”, o que significa que nossa liberdade não é algo que possa ser obtido ou perdido, mas um aspecto necessário do ente humano” (REYNOLDS, 2014, p. 88), isto é, a liberdade é uma condição humana, o homem se faz em vez de ser, “assim pois o ser existe a partir do Nada, pois é o Nada que me fundamenta a transcendência do ser, a sua constituição como ser” (FERREIRA, 1970, p. 83) a angústia existencial fundamenta-se nessa condição de liberdade.

A liberdade portanto implica-se no próprio acto <intencional>, ou seja, é coetânea da consciência, é o seu modo de ser. Se, porém, a liberdade é a negação de um *en-soi* em mim pelo *pour-soi* que eu sou, se por isso a *ek-stase* que sou me desloca de mim constantemente, eu <estou condenado a existir para sempre para além da minha <essência>. Daí a célebre afirmação de Sartre de que <estou condenado a ser livre>. A liberdade, portanto, não é uma qualidade que se acrescenta às qualidades que já possuía como homem: a liberdade é o que precisamente me estrutura como homem, porque é uma designação específica da própria qualidade de ser consciente, de poder

negar, de transcender. A liberdade é o que define estritamente a minha possibilidade de me recusar como *en-soi* (coisa), projectando-me para além disso ou, se se quiser, para além de mim. (FERREIRA, 1970, p. 118).

A liberdade é o que possibilita o homem ser homem, construir o sentido de existir na absurdidade do mundo. O indivíduo é absolutamente livre para escolher, está consciente de suas escolhas e as consequências das mesmas. Diante da condenação a liberdade, como existe liberdade para um indivíduo que está preso? De acordo com o pensamento de Sartre a nossa liberdade reside dentro das possibilidades e do ambiente em que estamos vivendo. “Deste modo, o escravo em cadeias, tentando rebentá-las ou aceitando-as, é igualmente livre no sentido de capacidade de liberta-se, de estrutura do próprio escravo, mas não no sentido de realização dessa liberdade, no sentido da ‘liberdade-valor’” (FERREIRA, 1970, p. 127). Portanto Sartre está falando de uma liberdade abstrata, e diante das possibilidades do mundo social e histórico temos o poder de escolher, mas necessariamente essa escolha não se concretize em uma liberdade concreta.

Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade de sua existência. E, quando dizemos que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. [...] É o segundo sentido que é o sentido profundo do existencialismo. Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens (SARTRE, 1970, p. 218-219).

O homem é o único responsável pelas suas ações no mundo, e essa responsabilidade que Sartre debate tanto não é algo simplista, pois a própria individualidade do homem só é possível devido existir o outro. “Assim sou responsável por mim e por todos, e crio uma certa imagem do homem por mim escolhido; escolhendo-me, escolho o homem” (SARTRE, 1970, p. 220) a individualidade de Sartre está em estrita relação com o coletivo, com a sua ideia de engajamento e responsabilidade pela humanidade. Então o homem enquanto um projeto a ser realizado no mundo depende dos outros e das condições materiais existentes em seu contexto social daí surge a ligação do existencialismo sartriano com o marxismo¹¹.

¹¹ Sartre tem como justificativa para a ligação entre o existencialismo e o marxismo o fato da história da filosofia está atrelada a criação de sistemas e métodos de investigações, já que apesar da filosofia não ser uma ciência propriamente dita, o conhecimento filosófico ao longo do tempo esteve ligado ao tempo histórico e a sistemas de pensamentos. “Entre o século XVII e o século XX, vejo três que designarei por nomes celebres: há o “momento” de Descartes e de Locke, o de Kant e de Hegel e, finalmente o de Marx. Estas três filosofias tornam-se, cada uma por vez, o humo de todo o pensamento particular e o horizonte de toda a cultura, elas são insuperáveis enquanto momento histórico” (SARTRE, 1978, p. 114). Logo Sartre na obra *Questão de método* coloca o conhecimento desenvolvido por meio da corrente existencialista como uma ideologia. “Estes homens relativos, proponho que os chamemos de ideólogos. E, já que devo falar do existencialismo, compreender-se-á que o considero como

O confronto entre Camus e Sartre está na relevância que ambos atribuem à história, isto é, em como a história interfere no indivíduo, em Sartre a história aparece de forma absoluta, já Camus não nega ou anula a história, mas não a trata de forma absoluta. “Podemos considerar que a prevalência da história na definição da condição humana gerou um humanismo empobrecido e unilateral, que teria diminuído a amplitude do horizonte humano” (SILVA, 2000, p. 8). Camus fez crítica em *O homem revoltado* a absolutização e totalização da história.

A recusa da prevalência da história ou da consideração da historicidade como único viés de compreensão do humano visa, na verdade, o historicismo como atitude que pretende restituir o sentido do mundo por via da descoberta do sentido da história. O mundo humano reclama um sentido que não pode se esgotar na história: quanto a isso a oposição entre Camus e Sartre não poderia ser mais clara. Assim como Sartre considera que a incorporação da história à natureza – que ele acredita ser a consequência do materialismo dialético – é uma perspectiva reducionista, Camus entende que a compreensão do humano pela via exclusiva da história – o que equivale à supressão da natureza – é igualmente reducionista. A criação artística tende a aparecer como a “saída” na medida em que, acredita Camus, pelo ato criador o artista escapa dos limites da história, e se lança à criação de outros mundos. Assim a arte poderia ser invocada como uma demonstração concreta de que o homem tem como transcender a história, que o compromisso do artista com a unidade da vida e do mundo não pode ser explicado como um compromisso exclusivamente histórico, inclusive por ser talvez a única maneira de escapar à confusão entre unidade como aspiração originária da consciência revoltada e construção histórica da totalidade (SILVA, 2000, p. 8).

Essa rivalidade intelectual entre ambos tornou-se nítida quando as produções de Sartre saíram de uma posição filosófica centrada no indivíduo, ou seja, nas preocupações existencialistas e parte para uma preocupação com a massa, o coletivo que Karl Marx trabalha na sua teoria filosófica, isso é claro desde o ingresso de Sartre na resistência francesa, ele foca em preocupações imbuídas de aspectos políticos e sociais, isto é, pretende unificar o existencialismo com o marxismo. “O marxismo, para Sartre, é a filosofia insuperável do século XX, [...], porque reflete a práxis que a engendrou. [...] O marxismo de Sartre é, assim, um marxismo existencialista, dentro do qual o existencialismo seria apenas uma ideologia” (FERREIRA, 1978, p. 15). Camus não centra sua filosofia no outro e nem no coletivo, mas

uma ideologia: é um sistema parasitário que vive a margem do Saber, a que de início se opôs e a que, hoje, tenta integrar-se” (SARTRE, 1978, p. 115). Sendo assim ele procura unir o existencialismo com o marxismo como uma forma de consolidar o existencialismo como um Saber filosófico, logo a proposta de Sartre é usar os métodos do marxismo para desenvolver um outro existencialismo com base nas premissas de Marx, em particular colocar o existencialismo enquanto uma filosofia que se materializa na história, ou seja, a história é o ponto central para compreender a humanidade e o homem enquanto um indivíduo dentro de um processo coletivo. “O existencialismo, como o marxismo, aborda a experiência para nela descobrir síntese concretas, não pode conceber estas sínteses senão no interior de uma totalização em movimento e dialética que nada mais é do que a história ou – do ponto de vista estritamente cultural em que nos colocamos aqui – do que o “tornar-se-mundo-da-filosofia”.” (SARTRE, 1978, p. 124). Diante disso podemos compreender a afirmação de Sartre que diz, o homem é o que faz, e esse fazer estar dentro da história.

também não anula a preocupação com o outro, a sociedade, tanto é que a sua preocupação com a humanidade aparece n'*O homem revoltado* e n'*A peste*, isso levará Sartre a afirmar que as intuições filosóficas de Camus são simplistas. Logo as concepções políticas de ambos evidenciam o antagonismo de suas filosofias.

2 ALBERT CAMUS: Do Absurdo a Revolta

Não há um único rótulo para o argeliano Albert Camus, já que ele foi jornalista, filósofo, romancista e um artista. Sendo assim essa investigação sobre a produção intelectual desse pensador do século XX vai navegar entre a filosofia, a literatura e o engajamento político.

Em sua trajetória não se percebe a separação entre vida e obra, o amor pela vida e um desejo eloquente de viver aparecem de forma clara nos seus textos, uma preocupação existencial marcante, possuía uma escrita e um estilo¹² autêntico. “O absurdo não é uma resposta, mas uma pergunta – ou, antes, uma constatação do caráter insolúvel do sentimento ambíguo da hostilidade do mundo e do apego à existência”¹³ a preocupação de Camus com o absurdo existencial, leva-o a consagrar o absurdo como problema filosófico a ser investigado em seus trabalhos.

Camus ao longo de sua trajetória foi mal interpretado e esquecido na França, devido seus posicionamentos públicos em relação à política no pós-guerra e os movimentos de independência da Argélia. Ele não se considerava propriamente um filósofo, e sim um artista, um romancista absurdista. O tema do absurdo da existência do homem no mundo é central em suas obras, mas apesar da constatação desse absurdo, a tensão entre o homem e o mundo a felicidade é possível, já que segundo Camus (2018f, p. 123) “a felicidade e o absurdo são dois filhos da mesma terra”, diante disso o homem não deve cair no desespero e nem na esperança, mas aprender a lidar com essa absurdidade. “Camus opta pelo segundo caminho num <rendez-vous> continuando com a morte, sem esperança de salvação e, apesar de tudo possuído duma indômita vontade de viver!” (MALHO, 1971, p. 208). Ele é um apaixonado pela vida, a felicidade¹⁴ é uma proposta de realização no mundo absurdo, sendo assim ele não atribui essa felicidade como algo teleológico, mas como uma realização no presente.

Segundo Malho (1971) o pensamento de Albert Camus possui duas fases, a primeira fase é dominada pelo absurdo existencial, já na segunda fase é dominada pela revolta, em virtude do desenrolar da Segunda Guerra Mundial. “O absurdo tende a destruir-se

¹² O estilo camusiano é uma “sinfonia” composta por escritos literários e pensamentos filosóficos. Para fazer com que essa “sinfonia” se apresente ao longo de sua trajetória ele escreveu peças de teatro, romances e ensaios filosóficos que continham como conteúdos centrais o absurdo, a revolta e o amor, sendo o amor no sentido mais amplo.

¹³ Prefácio de Manuel da Costa Pinto, da obra *O mito de Sísifo*.

¹⁴ Ele coloca condições para se alcançar a felicidade. “Poe e as quatro condições da felicidade: 1. A vida ao ar livre 2. O amor por um ser 3. O desprendimento de toda ambição 4. A criação” (CAMUS, 2014b, p.14).

através da solidariedade trazendo em si, não o suicídio e a imobilidade, mas a revolta, sendo um estágio que deve ser ultrapassado” (MALHO, 1971, p. 2010). Essa noção de revolta é trabalhada nas obras *A Peste* (1947) e *O Homem Revoltado* (1951). Apesar de a revolta ser um estágio para chegar à revolução, essa revolta tem um limite, pois tem que haver um equilíbrio; este equilíbrio necessário a coloca em crise com a esquerda Europeia, pois na obra *O Homem Revoltado* Camus faz críticas às ideias revolucionárias e desfere um duro ataque à esquerda francesa. Para ele a política estava mergulhada em misticismos e dogmas religiosos, todas as atrocidades das revoluções eram justificadas.

2. 1 Absurdo

O Averso e o Direito (1937) é uma obra do jovem Camus que é a reunião de quatro¹⁵ ensaios literários, mesmo escritos na juventude eles são densos e profundos, constam as inquietações que ele manterá na sua produção. Já no prefácio ele alerta que esse livro é de indagações e respostas, Camus já havia despertado para o absurdo como uma preocupação filosófica. Temas como a vida, o amor, a condição humana são apresentados em todos os ensaios. Os sentimentos que possibilitam o despertar para o absurdo são: a velhice, o medo, a solidão, o amor, a felicidade, a infelicidade, a pobreza, a revolta e por fim a morte, são trabalhados nessa obra, nesses ensaios encontramos todos os “ingredientes” de suas obras futuras.

Que importa! Queria somente salientar que, se caminhei muito desde este livro, não progredi tanto. Muitas vezes, acreditando avançar, eu recuava. Mas, no final, meus erros, minhas ignorâncias e minhas fidelidades sempre me conduziram à antiga trilha, que comecei a abrir com *O avesso e o direito*, cujos traços se veem em tudo que fiz a seguir, e, na qual, por exemplo, em certas manhãs de Argel, caminho sempre com a mesma leve embriaguez (CAMUS, 2018c, p. 23).

Como é ressaltado pelo próprio Camus no prefácio da obra *O avesso e o direito* é um marco na trajetória desse pensador, todas as suas inquietações são colocadas nessa obra e de certa forma algumas já são respondidas. A sua experiência pessoal aparece em todos os ensaios, a pobreza, o sol, o estrangeirismo, a solidão. Albert Camus transparece na sua escrita uma busca constante pelo seu lar, a sua sensação de exílio¹⁶, de alguma forma ele materializa

¹⁵ *A ironia; Entre o sim e o não; Com a morte na alma; Amor pela vida.*

¹⁶ O exílio não é exclusivamente está em um lugar diferente e estranho, pois o homem pode está exilado em seu próprio lugar de origem. Camus sentia-se estrangeiro em todos os lugares, o teatro era onde ele encontrava a si mesmo. “Esse sentimento de perda, a sensação de exílio e extraviado, é o tema central de sua vida e obra” (JUDT, 2014, p. 138).

na escrita as suas sensações físicas, Argel é uma importante fonte de inspiração para ele. Com apenas 22 anos ele já possui o estilo literário e filosófico bem expressivo que o acompanhará em toda a sua trajetória.

Em todos os personagens da obra *O avesso e o direito* há algo em comum, a solidão e a consciência da morte. *A ironia* é um ensaio que tem como personagem uma velha mulher doente e solitária, a sua vida se resumia a Deus. “Os três objetos que conservava marcavam para ela o ponto material em que começava o divino. A partir do rosário, do Cristo ou do São José, atrás deles, abria-se uma grande e profunda escuridão, na qual ela colocava toda a sua esperança” (CAMUS, 2018c, p. 31). Mas apesar dessa esperança atrelada a existência de Deus, ela não gostava de ficar só, quando ela estava só o único pensamento que surgia era o da morte, o deus dessa velha mulher não a deixava feliz, a solidão a perseguia, a solidão leva-a ao desconforto, é como se não existisse um elo entre ela e seu deus, uma espécie de ruptura entre o homem e deus. Já no ensaio *Entre o sim e o não* Camus se “despe” fala da sua vida, das suas angústias pessoais e sentimentos, da sua família e das dificuldades financeiras, nesse ensaio é possível perceber o que ele descreve como o despertar para o absurdo, na sua própria existência miserável em Argel, ele é esse homem que constata o absurdo e diante disso desperta para o mundo absurdo, nesse ensaio aparece a relação entre o homem e o mundo, a tensão entre ambos.

O mundo termina aqui como cada dia, e, de todos os seus tormentos sem medida, só resta esta promessa de paz. A indiferença dessa mãe estranha! Só a imensa solidão do mundo me dá sua medida. [...] O mundo se dissolvera, e, como ele, a ilusão de que a vida vai recomeçar todos os dias. Nada mais existia, nem os estudos, as ambições, as preferências nos restaurantes ou as cores prediletas. Nada, a não ser a doença e a morte nas quais ele se sente mergulhado... E, no entanto, na própria hora em que o mundo desmoronava, ele vivia (CAMUS, 2018c, p. 45-47).

Essa tensão entre o homem e o mundo aparece n’*O mito de Sísifo* onde trabalha com o absurdo que é gerado por meio dessa tensão, é em meio a uma vida monótona, que nos percebemos em um mundo e em uma vida sem sentido, a única certeza é a morte, e tudo se torna indiferente. Mas mesmo em meio a essa certeza ainda há algo, a vida, o desejo, a paixão pelo viver pode surgir por meio dessa consciência, certo tipo de aceitação¹⁷ de um destino, a morte.

No ensaio *Com a morte da alma*, o personagem central é um estrangeiro, a cidade é estranha, as pessoas são estranhas, a comida é estranha, ele saiu de sua cidade natal, e se vê

¹⁷ A aceitação do absurdo não pode ser confundida com uma espécie de acomodação do homem no mundo, pois esta aceitação deve está ligada a uma busca por sentido, a construção de um novo ethos.

sem amigos, apenas só, a solidão o levará a um limite que não conhecia, despertando para uma nova realidade, a solidão coloca-o diante de si mesmo, um *tête-à-tête* consigo mesmo. “Esse lugar me remetia ao coração de mim mesmo, colocando-me diante de minha angústia secreta. Mas era e não a angústia de Praga” (CAMUS, 2018c, p. 63), ou seja, essa angústia não era apenas por ser um estrangeiro da cidade de Praga, mas também por ser um estrangeiro a si mesmo. Camus aponta que podemos ser estrangeiros de nós mesmos, estava angustiado porque não se reconhecia na sua própria existência, que até a mudança de cenário, não havia se questionado, ele estava alheio de si e do mundo. Que só diante de uma cidade estranha ele se sentiu e se percebeu deslocado, o novo cenário faz com que ele voltasse a si mesmo.

Sim, tudo isso era verdade. Mas, ao mesmo tempo, com o sol, penetrava em mim algo que não saberia explicar direito. Nessa ponta extrema da consciência extrema, tudo se penetrava, e minha vida surgia como um bloco, a ser rejeitado ou acolhido. Eu precisava de uma grandeza. Encontrava-a no confronto de meu desespero profundo com a indiferença secreta de uma das mais belas paisagens do mundo. Eu extraía disso a força de ser corajoso e consciente ao mesmo tempo. Chega, para mim, de algo tão difícil e paradoxal. Mas, talvez, eu tenha exagerado alguma coisa do que então sentia com tanta razão. De resto, volto com frequência a Praga a os dias mortais que lá vivi. Reencontrei minha cidade (CAMUS, 2018c, p. 64).

Quando saímos de uma rotina diária e familiar, a sensação de estrangeirismo nos leva a limites extremos, a angústias e questionamentos. Mas por meio da tomada de consciência acontece o despertar para o sentido da vida, ou até a aceitação de que não existe um sentido determinado ou estabelecido, isso faz com que haja um equilíbrio entre o homem e o mundo. No ensaio *Amor pela vida*, Camus exalta a vida, porque mesmo diante da absurdidade da existência em um mundo trágico, a felicidade é possível, “não há amor de viver sem desespero de viver” (CAMUS, 2018c, p.72). A vida deve ser experimentada de todas as formas, o homem não deve se tornar máquina, as experiências devem transportar o homem para ele mesmo, viver deve ser uma experiência de desespero, mas essa desmedida é medida, ou seja, não devemos nos entregar ao desespero a ponto de não amarmos a vida ou a negarmos. Na constatação da morte não devemos nos entregar à morte, antes mesmo de morrer. Segundo Camus (2018c, p. 78) “a grande coragem é, ainda, a de manter os olhos abertos, tanto sobre a luz quanto sobre a morte”. Para se alcançar a felicidade é necessário estar consciente da absurdidade do mundo.

O absurdo que teve uma proporção significativa nos seus escritos apresenta-se n’*O Mito de Sísifo* como debate central, onde discute a noção de absurdo. Mas é necessário destacar que em momento algum ele propõe uma definição de absurdo, demonstra apenas um diagnóstico do absurdo. Mas o que caracteriza uma situação de absurdo? No período de

Camus de guerras e massacres humanos, é quase inevitável não pensar que seja absurda essa situação, mas em uma vida simples e monótona? De acordo com Camus o absurdo era diagnosticado por meio de um por quê, de indagações que o homem faz a si mesmo, perguntar sobre o sentido da sua existência.

A noção de absurdo pode vim à tona em distintas situações, por meio do tempo, da morte, da guerra, do amor, na rotina diária, no caso de Meursault o estrangeirismo isso é apontado por Camus em *O Mito de Sísifo* como o muro do absurdo, isso está associado a um limite, onde o homem toma consciência da absurdidade de sua vida.

Camus como já mencionado possui fases na sua produção, sendo assim, quando falamos em absurdo para ele nesse momento estamos partindo de uma lógica do indivíduo. O homem se vê em um mundo absurdo, por meio de um despertar da sua vida monótona. Na obra *O exílio e o reino* Camus trabalha justamente isso, onde o exílio é o lugar que acontece esse despertar e o reino é onde a felicidade é possível. No conto *a mulher adúltera*, a personagem Janine faz uma viagem de negócios com o marido Marcel, ela saiu de sua rotina diária e familiar e se depara com inquietações que jamais pensou durante sua vida, no caso o medo da velhice e da morte. Em um mundo estranho, as comidas, as pessoas, ela começa a pensar em como ela não queria ir à viagem e que veio por causa do marido. Indaga-se sobre o porquê se casara, e tem como resposta para essa pergunta o medo da solidão, casou-se porque tinha medo de envelhecer sozinha. Não sabia se o amava, ou ao menos o que era o amor, sabia apenas que tinha necessidade de sua companhia, e que ele precisava dela também.

Logo uma angústia sem nome invadiu-a. desvencilhou-se de Marcel. Não ela não superava nada, não era feliz, ia morrer, na verdade, sem se ter libertado. Seu coração doía, ela sufocava sob um imenso peso que de repente descobriu arrastar há vinte anos, e sob o qual se debatia agora com todas as forças. Queria liberta-se, mesmo que Marcel ou os outros jamais o conseguissem! Desperta, ergue-se na cama e aguçou o ouvido a um chamado que lhe pareceu bem próximo (CAMUS, 2018d, p. 29-30).

Janine toma consciência que mesmo com o passar dos anos os seus medos e angústias não desapareceram, que mesmo casada, ainda se sentia só, a solidão a acompanhava, e iria morrer só, ninguém morreria em seu lugar. E queria despertar de tudo, mesmo que ninguém mais desperte, assim sendo o despertar para o absurdo acontece de forma individual, cada indivíduo é responsável pela sua existência no mundo.

O homem moderno está imerso no cotidiano monótono, que nem mesmo observa o tempo passando como é o caso Yvars personagem de *Os mudos*¹⁸. Quando ele se vê em uma

¹⁸ Conto da obra *O Exílio e o reino*.

situação de humilhação e sem saída, percebe que está sem tempo para recomeçar a vida longe, e se vê sem saída, mergulhado em sentimentos negativos: “naquela manhã, passava de cabeça baixa, mais pesadamente ainda do que de costume, o coração estava pesado.” (CAMUS, 2018d, p. 59). Nesse momento o sentimento de angústia aparece, já que a “cortina” que estava mantendo Yvars na comodidade de uma vida caiu, ele passa a atormentar-se com a sua existência e fazer julgamentos sobre o patrão¹⁹ e constantemente se atormenta com questionamentos, que o deixa mais angustiado. Diante disso o absurdo se apresenta como uma paixão devastadora, seu despertar está associado a um limite e nesse conto está associado ao tempo, o medo, a finitude. *N’O avesso e o direito* esse despertar está associado à tomada de consciência da finitude humana, ou seja, a morte. Para Camus a condição humana está ligada a um instinto de viver e o medo da morte. Mas devemos entender que Camus não nega a morte pela a morte, e sim o fato dos homens morrerem e não alcançarem a felicidade.

Cada gesto reencontrado me revela a mim mesmo. disseram-se um dia: “É tão difícil viver”. E eu me lembro do tom. De outra vez, alguém murmurou: “O pior erro é fazer sofrer.” Quando tudo acaba, a sede de vida se extingue. É isso que se chama felicidade? Ao percorrer essas lembranças, vestimos tudo com a mesma roupagem discreta, e a morte nos surge como um pano de fundo em tons envelhecidos. Mudamos de opinião sobre nós mesmos. Sentimos o nosso infortúnio e dele gostamos mais. Sim, talvez seja felicidade, o sentimento piedoso de nossa infelicidade (CAMUS, 2018c, p. 42).

O homem moderno não aprendeu a lidar com a morte, passa a sua vida inteira negando-a, ele pode ter uma vida longa ou uma vida curta, mas nesses instantes de sua existência não pensa que pode morrer, vive como se sua vida fosse infinita, mas quando sai dessa zona de conforto, se vê atormentado com sentimentos que até aquele momento não havia se deparado: “Um belo dia, surge o “por quê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro” (CAMUS, 2018f, p. 27). A consciência da morte e da finitude humana não deve levar o homem ao desespero, mas a um saber lidar com ela. A consciência da absurdidade do mundo não impede a felicidade, temos um instinto natural para viver.

Em *os mudos* após o despertar para o absurdo, encontramos outro elemento camusiano, - a revolta; Yvars se revolta com a sua situação pessoal, e aparece uma preocupação com o coletivo, com os seus colegas de trabalho, a solidariedade, mas após o fracasso da greve todos são obrigados a voltar ao trabalho se veem sem escolhas, ou seja, a resignar-se, já que, está velho e não dá mais tempo de recomeçar, só resta um desejo “gostaria

¹⁹ “O patrão não era mau sujeito, aliás. Sucedera ao pai, nascera na oficina e há anos conhecia quase todos os operários. Convidava-os às vezes para fazer um lanche na oficina; grelhavam sardinhas ou linguça no fogo de aparas de madeira e, com a ajuda do vinho, era realmente muito gentil.” (CAMUS, 2018d, p. 60)

de ser jovem, que Fernande o fosse também, e eles teriam partido, para o outro lado do mar” (CAMUS, 2018d, p. 72) mesmo assim Yvars não entra em desespero, ainda deseja viver.

Camus surge como um artista filósofo nas peças, nos romances, nos contos, nos ensaios ele é quem surge como um “grito” de denuncia das atrocidades daquele período denuncia o mal que está enraizado no homem, essa angústia que o destrói, desvenda a vida monótona e limitada. O absurdo se encontra na existência humana e em como ela prossegue. Diante disso, como o sentimento do absurdo é desencadeado? Quando se faz questionamentos diante do sentimento de absurdo. Segundo Camus (2018f, p.20) “começar a pensar é começar a viver atormentado”. Isto é o sentimento do absurdo vem à tona quando questionamos o sentido da vida.

Deste modo, é essencial se perguntar sobre essa existência absurda, se é possível viver em total consciência da absurdidade da condição da existência humana? Como o homem é levado a esse “casulo” por fatores externos ou fatores internos? Como o homem obteria a felicidade com a constatação do absurdo? Seria possível adquirir uma sabedoria para se viver bem mediante essas indagações e conflitos existenciais?

Todas essas vidas mantidas no ar avaro do absurdo não se sustentam sem algum pensamento profundo e constante que as impulse com sua força. Só pode ser, aqui, um singular sentimento de fidelidade. Homens conscientes foram vistos cumprindo sua tarefa em meio às guerras mais estúpidas sem por isso se considerarem em contradição. Tratava-se de não eludir nada. Há assim uma felicidade metafísica em sustentar a absurdidade do mundo. A conquista ou a comédia, o amor inumerável, a revolta absurda são homenagens que o homem rende à sua absurdidade numa campanha em que está vencido de antemão (CAMUS, 2018f, p. 97).

Albert Camus dedica-se ao absurdo; a noção de absurdo e o sentimento do absurdo. Para ele o absurdo possui três princípios básicos – o homem, o mundo e a consciência – o absurdo se apresenta na relação entre o homem e o mundo, na tensão desses dois pontos, e a tomada de consciência é o que traz à tona o sentimento de absurdidade da existência humana. “Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo” (CAMUS, 2018f, p. 21). É importante pontuar que a preocupação de Camus é com a condição concreta da existência humana. O ter consciência é começar a viver uma existência absurda, é por meio dela que o homem percebe sua realidade. Isso acontece quando o homem se pergunta sobre o sentido da vida. O porquê de viver? O drama do homem é saber se a vida vale a pena ser vivida.

Como já mencionado o absurdo não está nem no homem nem no mundo, mas numa confrontação, choque, conflito, tensão entre ambos. “O absurdo brota do confronto

entre a evocação humana por uma ordem e a mudez do mundo. Por um lado, o homem com sua nostalgia de unidade, de outro, o mundo, fechado, cindido e repleto de contradições e antinomias” (MACHADO, 2010, p. 32). Dessa forma não há uma harmonia permanente entre o homem e mundo, mas sim uma tensão constante.

O sentimento de absurdo pode vir à tona por meio da tomada de consciência, através de uma rotina diária e maquinal, o homem toma consciência da absurdidade da existência, a partir daí entende que as suas atividades realizadas dia pós dia, ano após ano não possui nenhum sentido. Isso acontece porque o homem perde a falsa consciência que há uma razão, um propósito para tudo e que há uma harmonia entre o homem e o mundo. A indagação é uma consequência da consciência, essas indagações podem surgir a qualquer momento, mas não são relacionadas às tarefas diárias, mas a algo mais profundo, a questionamentos existenciais.

Mas poderíamos perguntar se o homem poderia questionar-se constantemente sobre o porquê da sua existência. Será se em uma vida de indagações a felicidade seria possível? E qual a diferença entre o “porquê” e um “por quê” sobre o absurdo? Como viver com a descoberta do absurdo?

Albert Camus argumenta que devemos conservar o sentimento do absurdo, já que ele é o princípio de tudo. A única relação de certa forma entre o homem e o mundo, é o absurdo. Diante disso não devemos aniquilar o absurdo, por meio do suicídio ou da esperança. Já que mesmo se nos suicidarmos o absurdo não deixaria de existir, mesmo que o desespero esteja presente na vida humana, a esperança não é uma solução. Portanto o homem deve manter o sentimento do absurdo, isso só acontece por meio da manutenção da consciência. “Se a consciência do absurdo é a nossa única verdade, a mais premente, devemos fazer o possível para mantê-la presente. E é em nome desse momento “privilegiado” que devemos nos manter vivos” (MACHADO, 2010, p. 42). Portanto Albert Camus condena o suicídio.

Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono, e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia, surge o “por quê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. “Começa”, isto é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento de consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou o despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: o suicídio ou restabelecimento. Em si, a lassidão tem algo de desalentador. Aqui devo concluir que ela é boa. Pois tudo começa pela consciência e nada vale sem ela (CAMUS, 2018f, p. 27).

Em uma rotina automática o homem pode se ver questionando o sentido de realizar todas essas tarefas até o fim de sua vida, qual o real sentido disso para sua vida, em certo dia essa rotina é quebrada, vem o esgotamento, o tédio. Perante esse “por quê” o homem desperta, um novo movimento inicia-se, uma escolha deve ser feita, permanecer nessa existência com os grilhões ou o despertar definitivo para o absurdo existencial, ou seja, a consciência. Logo Camus inaugura a problemática do suicídio ele não analisa o suicídio baseado em uma perceptiva social, fala de tipos de suicídios: o físico, o filosófico e o político.

2.2 Suicídio

Em *O mito de Sísifo*, Camus abre a discursão sobre o absurdo, e se há uma relação entre o absurdo e o suicídio? Já que ele aponta que “só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (CAMUS, 2018f, p. 19). Ele ressalta em todas as suas obras que o suicídio não é uma solução para o absurdo e nem uma consequência do absurdo²⁰.

O ato de suicidar-se não é consequência do absurdo, da constatação do absurdo da existência. Para Camus, deve-se aceitar a absurdidade da existência. O suicídio físico não acabaria com o absurdo, não é uma solução, já que a consequência do absurdo não é o suicídio, é a revolta. Então é necessário que o homem consiga lidar com suas paixões. Como afirma Camus (2018f, p. 21) “matar-se, em certo sentido, é como no melodrama, é confessar. Confessar que somos superados pela vida ou que não a entendemos. [...] Trata-se apenas de confessar que isso ‘não vale a pena’. Viver, naturalmente, nunca é fácil”. Recusar o suicídio é uma atitude, uma tomada de partida, contra as injustiças do mundo. Seguindo esse pensamento nota-se que Camus aponta que o suicídio não é uma consequência da constatação do absurdo, pelo contrário coloca que “no apego de um homem à sua vida há algo mais forte que todas as misérias do mundo. [...] Cultivamos o hábito de viver antes de adquirir o de pensar” (CAMUS, 2018f, p. 23), o homem é instintivamente apegado a sua vida.

O contexto francês que Camus vivencia é um campo de disputas ideológicas, uma disputa entre a direita e a esquerda, Albert Camus como intelectual francês sai de seu debate filosófico e literário²¹, para a sua responsabilidade, o seu papel como intelectual público que

²⁰ As verdadeiras consequências do Absurdo são a revolta, a compaixão e a liberdade.

²¹ “Minha obra (as emoções) as experiências extremas. Obra filosófica: a absurdidade. Obra literária: força, amor e morte sob o signo da conquista. Nas duas, misturar os dois gêneros respeitando o tom particular. Escrever um livro que dará o sentido” (CAMUS, 2014c, p. 30). A filosofia de Albert Camus não se reduzia a conceitos, para

teve durante o período de resistência francesa e no pós-guerra, segundo Tony Judt (2014) Camus é um moralista daquela época, um intelectual preocupado com a moral da sociedade contemporânea.

Camus era pelo menos em parte culpado por esse declínio na estima da crítica. Reagindo às modas do dia, ele havia se envolvido em especulações filosóficas de um tipo para o qual era mal preparado e apenas moderadamente dotado – *O mito de Sísifo* (1942) não resistiu bem à passagem do tempo, apesar de todos os seus aforismos ressonantes. Em *O homem revoltado* (1951), como veremos, Camus ofereceu algumas observações importantes sobre os perigos das ilusões revolucionárias líricas, mas Raymond Aron disse a mesma coisa com efeito mais devastador em *O ópio dos intelectuais*, enquanto a ingenuidade filosófica de Camus o expos a uma réplica cruel e dolorosa de Sartre que danificou seriamente sua credibilidade na esquerda intelectual e minou permanentemente sua confiança pública (JUDT, 2014, p. 126).

Camus após 1950 passa por um processo de auto avaliação de seus posicionamentos políticos como intelectual engajado francês, fazendo críticas às bases da esquerda francesa radical e revolucionária e isso terá consequências em sua carreira, já que como integrante desse bloco intelectual ele sofrerá críticas fortes após publicar *O homem revoltado*. Sartre será uns dos intelectuais a debater veemente o ideal de Camus em *O homem revoltado* e a fazer severas críticas sobre as bases intelectuais de Camus, questionando o valor ou solidez da crítica política camusiana. Mas de acordo com Tony Judt (2014) a tensão intelectual entre Sartre e Camus aconteceu antes mesmo de se conhecerem:

Seus comentários sobre *A náusea*, de Sartre, escrito em 1938 – muitos anos antes de os dois se conhecerem -, são ilustrativos a esse respeito: “O erro de um certo tipo de escrita é acreditar que é porque a vida é miserável que ela é trágica. [...] anunciar o absurdo da existência não pode ser um objetivo, apenas um ponto de partida (JUDT, 2014, p. 131).

Camus aponta o despertar para a condição absurda como um ponto de partida para um tipo de ascese, um viver plenamente mesmo diante da finitude e da tragicidade do mundo e do homem, enquanto que Sartre apenas aponta um despertar sem possibilidades para o homem. Não existe um Camus propriamente cientista político, mas sem dúvida existe um Camus preocupado com a situação política naquele contexto e as consequências de ideologias utópicas sobre a humanidade. *O homem revoltado* é sem dúvida uma obra política, mas quem fala é um Albert Camus artista, como intelectual engajado e com um senso de responsabilidade que é marcante desde sua fase de jornalista resistente. “Em *O homem revoltado*, Camus atacou o “historicismo” de seus contemporâneos – a invocação por eles da

ele o filósofo deveria pensar por imagens, sendo assim a literatura possibilitava uma reflexão profunda sobre a existência e a criação era o meio para chegar nesse novo ethos.

“História” para justificar seus próprios compromissos públicos e sua indiferença para com os custos humanos das escolhas políticas radicais” (JUDT, 2014, p. 134). Os críticos contemporâneos de Camus o atacaram, dando como justificativa “a deficiência filosófica” da obra, mas essa justificativa pode ser facilmente contestada, já que, esse argeliano não pretendia fundar um tratado filosófico político, ele escreve enquanto um intelectual angustiado nesse século de terror, sua crítica possui menos a função propositiva de algum ideário e mais a missão ácida de abalar as certezas da *intelligentsia* europeia. Para Camus o homem não tinha mais um deus para depositar a esperança de algo melhor no futuro, dessa forma os herdeiros marxistas “divinizam” a história, ou seja, a história é o novo deus.

Antecipando a historiografia de uma época posterior, e desconhecendo textos de contemporâneos como Arendt ou Jacob Talmon, Camus colocava de cabeça para baixo a defesa intelectual convencional do terror revolucionário então em voga: não são as ambições e ações da União Soviética que são tornadas explicáveis e defensáveis por analogia com as realizações dos jacobinos; antes, é a Revolução Francesa, e a própria noção de revolução, que é posta em questão pelo que agora sabemos dos custos do terror e da violência, e pelo modo como os revolucionários do presente invocam seus antepassados franceses em seu próprio apoio e defesa (JUDT, 2014, p. 135).

Esse filósofo argeliano fez uma “revolução” nas bases dos intelectuais franceses que tinham o marxismo como um catecismo a ser seguido durante as revoluções, diante disso entramos no debate do suicídio político, para ele não podemos esquecer o passado, nem divinizar a história de regimes totalitários. Os intelectuais franceses tornaram-se suicidas políticos, suas ideologias estavam sendo utilizadas para condenarem pessoas ao cadafalso.

Camus denuncia o suicídio político, ele é contra a legitimação de assassinatos em nome de um futuro perfeito. “O socialismo marxista absolutizado, acabou por sacrificar a liberdade e a justiça, pois, na prática aceitou a concepção do realismo político maquiavélico de que o fim justificaria os meios” (SAMPAIO, 2017, p.58). A crítica camusiana é desferida especialmente contra a utopia marxista. O suicídio político consiste justamente em distorções de ideais de filósofos para a legitimação do Estado totalitário, o estado utiliza de técnicas como medo e o terror para controlar a sociedade.

O mito de Sísifo faz uma crítica à filosofia existencialista, onde Albert Camus debate o suicídio filosófico. O suicídio filosófico seria uma atitude diante da absurdidade da existência, o que ele coloca como salto irracional, “a negação é o Deus dos existencialistas” (CAMUS, 2018f, p. 50). O existencialismo cristão, na figura de Deus e o existencialismo ateu, na figura da Razão. “Essas negações redentoras, essas contradições finais que negam o obstáculo que ainda não foi superado, tanto podem nascer (é o paradoxo desse raciocínio) de

uma certa inspiração religiosa quanto da ordem racional” (CAMUS, 2018f, p. 50). Já que, o problema filosófico central é o suicídio, saber sobre o verdadeiro sentido da vida, é apenas substituído e não resolvido. Albert Camus faz um “diagnóstico” do absurdo da vida, mas em momento algum propõe uma “cura”, antes um saber lidar com o absurdo existencial.

Mas nunca, talvez, como em nosso tempo, o ataque à razão foi tão forte. Desde o grande grito de Zaratustra: “Por acaso, é a nobreza mais antiga do mundo. Eu a atribui a todas as coisas quando disse que acima dela não havia nenhuma vontade eterna a querer”, desde a doença mortal de Kierkegaard, “esse mal que leva à morte sem mais nada depois dela”, os temas significativos e torturantes do pensamento absurdo se sucederam. Pelo menos, e este detalhe é capital, os do pensamento irracional e religioso. De Jaspers a Heidegger, de Kierkegaard a Chestov, dos fenomenólogos a Scheler, no plano lógico e no plano moral, toda uma família de espíritos, aparentados por sua nostalgia, opostos por seus métodos os seus fins, teimaram em obstruir a via real da razão e recuperar os caminhos retos da verdade. Estou supondo aqui pensamentos conhecidos e vividos. Não importa quais sejam ou qual tenham sido suas ambições, todos eles partiram do universo indizível em que reinam a contradição, a antinomia, a angústia ou a impotência (CAMUS, 2018f, p. 35).

As filosofias existencialistas assim como o absurdismo de Albert Camus situam o homem na sua finitude, mas ao contrário de Camus, os existencialistas findam os problemas existenciais, isto é, as suas angústias tem respostas, podem ser: Deus, a liberdade, o nada, o mundo, o próprio homem na sua existência finita, enquanto que a filosofia da absurdidade não dá uma resposta pronta para as angústias existenciais.

2.3 O homem absurdo

O que caracteriza o homem como um homem absurdo? O homem absurdo é aquele que consegue viver sem apego as coisas e ao mundo, é quando há um esclarecimento, a conquista da consciência, quando simplesmente aceita que não há um amanhã, um além, e vive a vida. “O homem absurdo vislumbra assim um universo ardente e gélido, transparente e limitado, no qual nada é possível mas tudo está dado, depois do qual só há o desmoronamento do nada” (CAMUS, 2018f, p. 64-65). Camus ilustra figuras de homens absurdos, que são: o amante, o comediante e o conquistador, mas é necessário deixar claro que essas não são as únicas ilustrações de homens absurdos.

O amante, ilustrado na figura do Don Juan é um homem absurdo, apesar de ter o perfil de um sedutor qualquer, ele possui uma diferença, é consciente. Ele não espera nada da vida e nem dos seus romances. “O que Don Juan põe em prática é uma ética da quantidade, ao contrário do santo, que entende à qualidade” (CAMUS, 2018f, p. 77-78). A lógica de Don

Juan é amar mais, porém ele não está à procura de algo, simplesmente não espera nada de nenhuma de suas amantes, todos os amores desse sedutor absurdo são experiências efêmeras e singulares. O seu amor não se limita a uma única pessoa. “Um único sentimento, um único ser, um único rosto, mas tudo acaba devorado. É outro amor o que faz Don Juan estremecer, e este é libertador. Traz consigo todos os rostos do mundo e seu tremor provém de saber-se perecível. Don Juan escolheu ser nada” (CAMUS, 2018f, p. 78). Esse amante ama cada uma de suas amantes de uma maneira singular, e é consciente que a sua felicidade não está em possuir apenas uma pessoa, ele necessita amar mais e a cada amor é vivido com todo o excesso.

O comediante, na segunda ilustração é o ator. “O ator reina no perecível. Todos sabem que, de todas as glórias, a dele é efêmera” (CAMUS, 2018f, p. 82). É justamente nessa glória efêmera, que se apresenta o destino absurdo, o ator escolheu essa vida absurda, ele morre no fim de cada personagem e revive no início de cada personagem. “Um ator compõe e enumera no tempo seus personagens. E também no tempo aprende a dominá-lo. Quanto mais vidas diferentes ele viveu, com mais facilidade se separa delas” (CAMUS, 2018f, p. 86). A efemeridade da existência do ator pode ser comparada a do amante, pois um personagem pode ser vivido e revivido loucamente em uma noite, em apenas algumas horas, assim como uma noite de amor de Don Juan, experimenta vorazmente a sua conquista amorosa. E a cada personagem, cada conquista amorosa, fica um vazio, e esse vazio deve ser preenchido novamente e essa existência vai se perpetuando.

A última ilustração é a do conquistador, aquele que enfrenta a finitude da condição humana. Camus fala que chega o momento que se deve escolher entre a contemplação e a ação. “Se escolho a ação, não pensem que a contemplação seja para mim uma terra desconhecida. Mas ela não pode me dar tudo e, privado do eterno, quero me aliar ao tempo” (CAMUS, 2018f, p. 89). As conquistas são passageiras, ele pode viver todas as suas conquistas, e cada vez mais esse aventureiro quer mais e mais, a existência é uma conquista constante.

Todas essas ilustrações de homens absurdos tem um ponto em comum, a consciência, todos são conscientes de suas vidas e das tarefas efêmeras que realizam no mundo, entregam-se a vida, são verdadeiros amantes da vida. Camus não está à procura de uma eternidade e nem está atormentado pelo desespero, há uma felicidade na aceitação dessa vida limitada e absurda.

2. 4 Revolta e Revolução

Camus não é um filósofo político propriamente dito, mas ele não se omitiu com os problemas do seu tempo, diante disso encontramos em Camus certo conflito em relação ao seu posicionamento, ele é um intelectual engajado e ético daquele período, mas ele também é um artista, e o artista deve retirar-se da vida pública para não se separar de si mesmo²². Mas em tempos obscuros os intelectuais são chamados e Albert Camus se posiciona nesse mundo. “No momento em que o crime se enfeita com os despojos da inocência, por uma curiosa inversão peculiar ao nosso tempo, a própria inocência é intimidada a justificar-se” (CAMUS, 2018e, p. 14). Camus foi “sugado” pelos problemas da Europa naquele período não podia fechar os olhos e ser conivente com o assassinato, se o suicídio não é aceito, o assassinato também não deve ser justificado.

A escrita engajada camusiana está presente em seus escritos, característica própria dele que também era jornalista²³. O escritor possui uma responsabilidade, ele está expondo suas ideias ao público e deve assumir o risco diante da coletividade. O “grito” de Camus é contra o assassinato da humanidade, não se pode ficar em silêncio, já que o silêncio também possui sua carga de responsabilidade, até o ato de calar possui um compromisso ético, ele escolhe gritar, *O homem revoltado* é um grito angustiado e atormentado pelas dores da humanidade. Ele se recusa a justificar a morte de milhares de pessoas, como o meio para se alcançar uma sociedade utópica, uma humanidade perfeita; recusa o progresso científico usado para matar, as bombas atômicas e as câmaras de gás são exemplos desse progresso científico bélico.

Albert Camus passa para uma dimensão coletiva na sua problemática filosófica, quando discute a revolta em sua reflexão ética sobre as revoluções e as consequências dela. Os revolucionários partilham de um sentimento de revolta, mas quando se nega o sentido da revolta, os limites da revolta, quais as consequências de uma revolução? Isso acarreta em consequências drásticas, a legitimação do assassinato, os fins justificam os meios, o presente deve ser sacrificado pelo futuro, isso decorre do contexto daquele período. “O mundo não está mais dividido em justos e injustos, mas em senhores e escravos. Desta forma, não importa para que lado nos voltemos, no âmago da negação e do niilismo, o assassinato tem um lugar

²² Ele discute isso no ensaio Jonas ou o artista trabalhando, do livro *O exílio e o reino*.

²³ Trabalhou em jornais como o jornal Alger République, o Le Soir Républicain, o Paris-Soir e foi editor chefe do jornal Combat, um jornal clandestino do período de ocupação nazista na França durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Camus se posiciona como um resistente ao nazismo na França.

privilegiado” (CAMUS, 2018e, p. 16). Será se é lógico matar pessoas inocentes em nome de ideologias?

Camus tece severas críticas ao socialismo, no entanto as suas críticas são ao socialismo messiânico, uma espécie de religião formada por ideias marxistas. Porque “o método da eficácia do realismo político utilizado por Stálin contraria os princípios éticos do Humanismo Socialista que visa a justiça social, mas também a liberdade” (SAMPAIO, 2017, p. 63). O fim não deve justificar os meios, já que “o marxismo é nesse caso absolutamente falso, porque pretende ser verdadeiro de uma forma absoluta” (CAMUS, *Apud*, SAMPAIO, 2017, p. 64). Em nome da construção de uma sociedade “perfeita” todo o mal causado às pessoas é tolerado e isentado de culpa, o que realmente importa é esse fim estabelecido pelo messianismo político.

Portanto, o que Camus está propondo é um socialismo baseado no respeito pela vida humana, onde a morte não seja legitimada por revolucionários, visto que são ilegítimas as políticas de Estados totalitários. Por meio dessas críticas ao socialismo (e à esquerda francesa no particular) do qual ele fazia parte e foi atacado com severas críticas, principalmente pelo Sartre²⁴, *O homem revoltado*²⁵ faz com que Camus seja esquecido e mal interpretado na França. Ele foi aquele moralista que teve coragem de fazer julgamento sobre as filosofias messiânicas que estavam surgindo, a preocupação de Camus é a preservação da vida, “Na filosofia política de Camus, a honestidade é uma virtude que está ligada à responsabilidade ética dos intelectuais engajados e por isso é preciso construir um Socialismo em que honestidade esteja à frente da eficácia que legitima o assassinato” (SAMPAIO, 2017, p. 70).

Diante disso podemos enfatizar que Camus estava cobrando os intelectuais daquele período uma responsabilidade ética em relação às ideias que estavam escrevendo e propagando, legitimando a autoridade do Estado sobre a humanidade. A reflexão camusiana em torno da revolução nos mostra que o engajamento político pode levar ao sacrifício da

²⁴ Para Sartre quem constrói a história é o homem, sem o homem não há história essa ação está ligada ao sentido de construção, e consequentemente ao fim alcançável. Sendo assim a crítica de Sartre a Camus reside justamente na sua concepção sobre a história. Sartre acusa Camus de anular a história e anunciar uma justiça e uma moral fora do mundo e da realidade do homem. Já que o filósofo argeliano Albert Camus critica as filosofias da história, a preocupação dele consiste na essência religiosa e futurista delas, que em vez de libertar a humanidade, cada vez mais aprisiona, em uma ideia de esperança por algo melhor.

²⁵ As críticas e perseguições que surgiram após a publicação de *O homem revoltado* não são exclusivamente devido as críticas aos intelectuais totalitários, mas também a Albert Camus como intelectual. “Desde o início Camus se sentiu fora do lugar no meio intelectual parisiense por um motivo distintamente francês – ele não tinha as credenciais educacionais da maioria de seus companheiros recém-descobertos” (JUDT, 2014, p. 140). *O homem revoltado* é a obra onde Camus manifesta a sua revolta contra os crimes realizados contra a humanidade, ele está revoltado e questionando a si próprio e a todos sobre a responsabilidade diante do cadafalso universal.

humanidade. “Nesse ponto nascem os terroristas, que decidiram que era necessário matar e morrer a fim de existir, já que o homem e a história só podem ser criados pelo sacrifício e pelo assassinato” (CAMUS, 2018e, p. 193). Ele demonstra isso por meio da revolução anarquista russa de 1905, os revolucionários estavam dispostos a sacrificar suas vidas em prol do bem comum, existia uma moral por trás desse ato.

Em um mundo onde o “progresso” é propagado, o homem torna-se insignificante, a sua vida não tem valor, a sua morte é justificada pela busca incansável do “progresso” da humanidade. Camus denuncia as atrocidades cometidas contra a humanidade no mundo onde as ideologias persistem na obra *O homem revoltado*, “este ensaio se propõe a prosseguir, diante do assassinato e da revolta, uma reflexão começada em torno do suicídio e da noção de absurdo” (CAMUS, 2018e, 15). Nesse momento do pensamento saímos de uma preocupação individual para uma preocupação coletiva, ele está aflito com as consequências das ideologias atuais. Se negarmos o suicídio como solução para o absurdo, agora precisamos nos interrogar sobre o assassinato.

Constatado o absurdo, após despertar de uma monótona e maquinal existência, o homem tem consciência de sua limitação e da ausência de sentido da vida. O que vem? “Após a tomada de consciência do absurdo, tudo fica comprometido: não nos satisfazemos mais com o que tínhamos e com aquilo em que acreditávamos. O mundo já não tem mais a inteligibilidade que supúnhamos. Já não encontramos nele uma ordem lógica e coerente” (MACHADO, 2010, p. 51). Diante dessa total ausência de sentido, como não cair nas consequências do niilismo? “Os excessos do niilismo europeu criaram uma situação em que a violência e o assassinato não apenas tornaram-se comuns, mas legitimados por uma ideologia” (MACHADO, 2010, p. 60), pois houve uma distanciação ou mesmo destruição de valores morais, que levou a negação absoluta, Camus observa que essa negação leva o homem a negar a própria vida, e o assassinato nesse contexto é justificado, porque há ausência de uma ética.

A revolta é uma atitude que prolonga a consciência ao longo da existência. “A revolta é uma espécie de ‘ascese’, já que, para Camus ela dá ao homem um mínimo de grandeza e dignidade sem que se perca de vista sua real situação” (MACHADO, 2010, p. 52). Então a revolta é a forma como podemos manter o absurdo, a consciência do absurdo da vida. Tanto o absurdo quanto a revolta são experiências individuais, porém há uma diferença entre ambos, o absurdo como já mencionado é o confronto entre o homem e o mundo; e a revolta é um confronto do homem consigo mesmo.

Devemos destacar que o ato de revoltar-se não é só recusar ou dizer um não, há algo mais, implica uma responsabilidade, uma lógica, uma razão. Não é por que me recuso a realizar uma determinada atividade ou cumprir uma ordem, por um simples capricho pessoal, está para além disso. A ideia de revolta é apropriadamente trabalhada por Albert Camus em *O homem revoltado* e *A peste*²⁶ está associada à consciência, a mesma tomada de consciência do absurdo.

Em *O homem revoltado*, Albert Camus apresenta a discursão sobre o homem e o mundo, e o movimento de revolta. Já desperto para a noção de absurdo, é preciso se indagar sobre a vida em um mundo absurdo como Camus apresenta em *O mito de Sísifo* é necessário ter consciência da absurdidade da vida, e o despertar ocasionaria um estado de revolta. A revolta é o sentimento ou ato de recusa de uma situação. Como obter liberdade diante da condição absurda? Camus nos propõe um viver no presente, aceitar a vida como ela é, e construir significados diante das possibilidades e condições que a mesma dá. Não se apegar ao futuro, que é incerto e nem no passado, já que não dá para mudar. A vida mediante isso é o elemento que proporciona o movimento de revolta.

Camus diferencia revolta de revolução, uma revolução necessariamente não surge de um estado de revolta. “A revolução [...] começa a partir da ideia. Mas precisamente, ela é a inserção da ideia na experiência histórica, enquanto a revolta é somente o movimento que leva da experiência individual à ideia” (CAMUS, 2018, p. 146). Ele condena a revolução, já que pode ocorrer desvios, levando ao niilismo, a intolerância e a violência. “Camus condena a revolução porque a identifica como uma ação desmedida, desprovida de referência, que tudo empreende fazer para realizar seu objetivo, ignorando o limite revelado pela revolta”

²⁶ No romance *A Peste* publicado em 1947 tem como cenário a cidade de Orã situada no litoral da Argélia. “Em Orã, como no resto do mundo, por falta de tempo e de reflexão, somos obrigados a amar sem saber” (CAMUS, 2018b, p.10). A chegada da peste tira o homem de sua rotina diária, fazendo com que ele reflita diante dessa situação extrema de isolamento, dor e medo. Inicialmente a peste ataca os ratos, aparecem vários ratos mortos na cidade, posteriormente acometida nos seres humanos. A cidade entra em Estado de sítio e é totalmente isolada, pessoas são separadas de seus amores, a morte é uma certeza a todos os habitantes daquela cidade e a qualquer momento a peste pode levar uma pessoa querida. De acordo com Silva (2014, p. 112) no posfácio da obra *A desmedida na medida* de Camus “A doença é a imagem da ameaça constante de morte, e simboliza ao mesmo tempo o nazismo, a guerra, a opressão e o absurdo, todas as manifestações do mal e da infelicidade de ordem física, moral, metafísica e histórica. Assim, o romance pode ser considerado como um mito da história. Grande romance humanista, *A peste* é uma descrição simbólica da miséria humana, e um apelo à solidariedade fundamentada no respeito ao ser humano”. Portanto, a doença sempre se expressa pelas guerras e nos sistemas políticos totalitários do século XX. Camus (2018, p. 286-287) faz uma reflexão no final do romance “Na verdade, ao ouvir os gritos de alegria que vinham da cidade, Rieux lembrava-se de que essa alegria estava sempre ameaçada. Porque ele sabia o que essa multidão eufórica ignorava e se pode ler nos livros: o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lenços e na papelada. E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria e os seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz”. Portanto Albert Camus alerta os homens para que se mantenham conscientes nesse mundo.

(MACHADO, 2010, p. 84). Esse limite não deve ser ultrapassado, quando se ultrapassa a revolução perde o sentido, o respeito ao outro e à vida são limites à ação da revolta. “matar alguém é criar um buraco no ‘seio’ da solidariedade, é negar a cumplicidade e o elo que mantém os homens unidos, é desrespeitar a dignidade e o valor humano” (MACHADO, 2010, p. 93). O assassinato não deve ser legitimado, quando isso acontece, a revolução perde o sentido, ultrapassa-se o limite, matar alguém é romper o elo entre os homens.

Se ilustrarmos o homem absurdo, como ilustrar o homem revoltado? É aquele que diz não a determinadas condições da existência, mas também é aquele que diz sim a vida, não renuncia a existência. Sísifo é um homem revoltado ele revolta-se contra os deuses, ele não aceita o castigo dos deuses, não acredita que seu trabalho terá um fim ou que de certa forma será recompensado. Mas Sísifo ainda está no plano individual, como a revolta ganha a dimensão do coletivo?

Na experiência do absurdo, o sofrimento é individual. A partir do momento de revolta, ele ganha consciência de ser coletivo, é a aventura de todos. O primeiro avanço da mente que se sente estranha é, portanto, reconhecer que ela compartilha esse sentimento com todos os homens, e que a realidade humana, em sua totalidade, sofre com esse distanciamento em relação a si e ao mundo. O mal que apenas um homem sentia torna-se peste coletiva. Na nossa provação diária, a revolta desempenha o mesmo papel que o cogito na ordem do pensamento: ela é a primeira evidência. Mas essa evidência tira o indivíduo de sua solidão. Ela é um território comum que fundamenta o primeiro valor dos homens. Eu me revolto, logo existimos (CAMUS, 2018e, p. 38).

O absurdo é desencadeado pela consciência, o estado de consciência é o momento que também desencadeia a revolta. O homem revolta-se com a absurdidade do mundo, a realidade humana, essa revolta possui um valor e esse valor está no próprio sentimento da revolta. Se as revoluções que estão acontecendo estão assassinando os homens, a dor e o medo são coletivos, pois quando se mata alguém a vida dessa pessoa é paga por outra vida, então o sofrimento ganha proporção coletiva, o homem reconhece o mesmo sentimento de revolta presente nele nos outros homens.

2.4 Revolta Metafísica

Como já mencionado esse intelectual argeliano inaugura as suas inquietações no plano individual, o absurdo, mas em momento algum ele negou ou deixou de considerar a

humanidade no âmbito da coletividade²⁷. Portanto a nossa investigação sobre a revolta se inicia com a revolta metafísica, o revoltado metafísico está reivindicando o princípio de justiça para a humanidade, ele revolta-se contra a criação, “O escravo que se rebela contra o seu dono, não o contesta na qualidade de homem, mas, sim, na posição de senhor. Já o revoltado metafísico protestará contra a própria qualidade de homem” (AZEVEDO, 2017, p. 77). Logo a essência da revolta metafísica consiste no protesto contra a condição do homem sedento de viver e na busca constante pela fuga do sofrimento.

O revoltado metafísico está consciente da contradição e da fragmentação do homem e está reivindicando certa unidade, ele protesta contra o inacabado. Segundo Camus (2018) a revolta metafísica não deve ser confundida com o ateísmo, apesar de o diálogo com Deus ser bem demorado, ele não mata Deus, apenas blasfema contra ele.

Como afirma Camus (2018e, p. 43):

A história da revolta metafísica não pode, portanto, ser confundida com a do ateísmo. Sob uma certa ótica, ela chega a confundir-se até com a história contemporânea do sentimento religioso. O revoltado desafia mais do que nega. Pelo menos no início, ele não elimina Deus: simplesmente fala-lhe de igual para igual. Mas não se trata de um diálogo cortês. Trata-se de uma polêmica animada pelo desejo de vencer. O escravo começa reclamando a justiça e termina querendo a realeza. Ele também precisa ter sua vez de dominar. Insurgir-se contra a condição humana transformando-se em uma incursão desmedida contra o céu para capturar um rei, que será primeiro destronado, para em seguida ser condenado à morte. A rebelião humana acaba em uma revolta metafísica.

O revoltado está indo contra o criador, denunciando os crimes cometidos contra a humanidade. Apesar do confronto entre criatura e criador poder ser citado em tempos longínquos, esse debate surge no século XVIII no campo das ideias. Prometeu²⁸ inaugura a análise sobre a revolta metafísica em Camus, mas essa revolta acontece em parte, pois mesmo sendo uma revolta contra a criação, ela é feita apenas contra um deus Zeus. “O próprio Prometeu é um semideus. Trata-se de um acerto de contas particular, de uma contestação sobre o bem, e não de uma luta universal entre o bem e o mal” (CAMUS, 2018e, p.46). Isso é uma característica do pensamento da Grécia Antiga, pois os gregos possuem uma visão da

²⁷ Mesmo que a Revolta camusiana tenha a sua fundamentação filosófica na obra *O homem revoltado* o sentimento de insatisfação e dor provocada por sistemas totalitários contra a humanidade já aparecem nos primeiros cadernos do filósofo argeliano Albert Camus. “Sempre que escuto um discurso político ou que leio aqueles dos que nos governam, fico impressionado com o fato de que, depois de anos, não ouvir nada que traduza um som humano. São sempre as mesmas palavras que dizem as mesmas mentiras. E que os homens se acomodem, que a raiva do povo ainda não tenha derrubado os marionetes, eu vejo nisso a prova de que os homens não dão nenhuma importância ao seu governo e que eles brincam, sim, realmente brincam com uma parte de suas vidas e de seus interesses supostamente vitais” (CAMUS, 2014c, p. 54).

²⁸ Na produção intelectual de Camus é notável a referência à Grécia Antiga, portanto é possível afirmar que Albert Camus estava fazendo uma relação entre as tragédias e mitos gregos com os problemas de seu tempo (modernidade) apresentado as suas preocupações ético-filosóficas.

criação baseado em uma harmonia entre o mundo dos deuses e dos homens, logo a lógica desse pensamento é baseada em erros, enquanto a lógica do Ocidente é baseada em crimes.

A revolta nesse sentido só tem coerência na sociedade Ocidental, já que a consciência dos gregos é diferente da nossa, só nós temos um Deus responsável por tudo e por todos, logo o nosso movimento de revolta contra a criação possui uma lógica. “Toda a desgraça dos homens vem da esperança que nos arranca do silêncio da cidadela, que os atira às muralhas à espera da salvação” (CAMUS, 2018e, p. 49). Isto é, temos um culpado pelas mazelas humanas. Sendo assim, a revolta metafísica está ligada ao cristianismo, visto que Camus aponta que o início da história da revolta não é com Prometeu, mas com os filhos de Caim. Porque com Caim temos o primeiro assassinato, ele se revolta contra Deus por ter aceitado a oferenda de Abel e não a dele. Então o Deus do Antigo Testamento não foi capaz de evitar a injustiça e o Deus do Novo Testamento tenta consertar essa injustiça contra os sofrimentos humanos, realizando um novo sacrificio o de Jesus.

2.5 Revolta Histórica

Como analisamos a revolta metafísica acontece no campo das ideias, ou seja, no campo teórico, já a revolta histórica acontece no mundo material e os revoltados estão reivindicando o império do mundo. As revoltas históricas tem como base a eliminação do princípio das mazelas do mundo, desse modo às revoluções históricas sempre resultam em homicídios, regicídios e deicídios.

O regicídio, assassinar um rei não é apenas eliminar uma pessoa está ligado à eliminação de um princípio, um símbolo divino. A revolta do povo contra o seu soberano, a execução do rei representa um novo marco na história da humanidade, isto é, a formação de uma nova moral. Já que o rei ainda representava uma ponte entre Deus e o homem, pois o rei era um representante de Deus na terra, logo o homem é o novo deus. Inauguramos um novo momento histórico, a era do terror de Estado. “Aos regicídios do século XIX sucedem-se os deicídios do século XX, que chegam aos extremos da lógica revoltada e querem fazer da terra o reino em que o homem será deus” (CAMUS, 2018e, p. 178). Hegel inicia o deicídios, pois a sua tentativa de acabar com a moral formal, apenas amplia o terror, continuamos em uma história onde existe o senhor/escravo. A explicação para a história da humanidade está vinculada a um novo “deus” a história. “O cinismo, a deificação da história e da matéria, o terror individual e o crime de Estado, essas consequências desmesuradas vão nascer, todas

armadas, de uma concepção equivocada do mundo, que remete unicamente à história o cuidado de produzir os valores e a verdade” (CAMUS, 2018e, p. 196). Portanto o indivíduo é o responsável pela constituição e transformação da história, “coroamos” um novo deus, o deus-homem.

O debate central no problema da revolta é o julgamento da consciência, pois estamos em um século sem moral, a questão é saber o valor dessa revolta ou se há pelo menos valor. Então estamos em um momento em que tudo é permitido, todos os limites foram eliminados e a violência é o meio para se chegar ao fim.

O grupo da Vontade do Povo vai, portanto, consagrar o terrorismo individual como um princípio, inaugurando a série de assassinatos que prosseguirá até 1905, com o partido socialista revolucionário. É neste ponto que nascem os terroristas, de costas para o amor, unidos contra a culpabilidade dos senhores, mas solitários em seu desespero, em meio a contradições próprias que só poderão resolver com o duplo sacrifício de sua inocência e de sua vida (CAMUS, 2018e, p. 218).

Estamos na era dos mártires, os indivíduos matam e morrem por aquilo que acreditam e reivindicam. Os anarquistas russos de 1905 protestam contra a injustiça, mas mesmo eles usando a violência na sua revolução, pois a mesma é inevitável, admitem que não a justificam para esse ato já que eles estão reivindicando o amor pela vida. De acordo com Camus (2018e, p. 226) “aquele que mata só é culpado se consente em continuar vivendo ou se, para continuar vivendo, trai os irmãos. Morrer, ao contrário, anula a culpabilidade e o próprio crime”. Logo aquele que mata, pois é inevitável em uma revolução, aceita a culpabilidade de seu ato, ele também aceita morrer pelo outro, logo essa revolta possui um valor. Mesmo que esses revolucionários estivessem há serviço da história, eles não são escravos da mesma. No terrorismo individual ainda encontramos resquício de um direito a vida, já no terrorismo de Estado aniquila-se todo esse direito. Sendo assim após a revolução de 1905 as revoluções não terão nenhum valor, todos são culpados.

Como afirma Camus (2018e, p. 234):

Todas as revoluções modernas resultaram num fortalecimento do Estado. 1789 traz Napoleão; 1848, Napoleão III; 1917, Stalin; os distúrbios italianos da década de 1920, Mussolini; a república de Weimar, Hitler. Essas revoluções, sobretudo depois que a Primeira Guerra Mundial liquidou os vestígios do direito divino, propuseram-se, entretanto, com uma audácia cada vez maior, a construção da cidade humana e da liberdade real. A crescente onipotência do Estado sancionou essa ambição em todos os casos.

O maior inimigo da humanidade é um Estado forte e autoritário, visto que a história já provou que um Estado forte é capaz de realizar atrocidades em seu plano de

fortalecimento de uma nação, exemplo disso é Hitler. A Alemanha nazista instalou na nação um terror irracional²⁹, como estratégia destruiu-o o elo entre as pessoas, destruindo a solidariedade e o apego à vida, o estado nazista transformou a Alemanha em suicida e assassina. Já que com o deicídio, criou um deus-homem Hitler, em seu plano ambicioso para a nação alemã planejou suicídios e assassinatos coletivos.

O mundo precisa concretizar as suas profecias, o homem não pode mais esperar que o caos se organize por si só, é necessário que o homem comece a construir o mundo e tudo é permitido dentro nesse plano para a humanidade, inicia-se o terror racional, a ciência da razão é usada para proclamar a busca pelo reino dos homens. Iniciamos os séculos (Séc. XIX e XX) das revoluções que buscam a justiça, a revoluções dos proletários, mas o que era para ser o reino da justiça tornou-se a o reino do poder. “Os proletários lutaram e morreram para dar poder a militares ou intelectuais, futuros militares, que por sua vez os escravizaram” (CAMUS, 2018e, p. 285). O que é possível perceber é que as revoluções que estavam proclamando uma conscientização e um amadurecimento político e intelectual, na realidade usaram e traíram os seus companheiros de guerra, pois os proletários só foram usados, já que o reino da justiça não chegou, a distribuição não foi possível, porque o ideal não era distribuir, mas sim acumular. Como afirma Camus (2018e, p. 294) “a vontade de poder veio ocupar o lugar da vontade de justiça, fingindo inicialmente identificar-se com ela, relegando-a depois a algum lugar no fim da história, quando já não houver mais nada para ser dominado na terra”. Portanto as revoluções são feitas por líderes teóricos dado que a massa não possui uma ideologia, ou seja, os proletários são o meio para se chegar ao poder e após a conquista são descartados.

O niilismo contemporâneo destruiu todos os princípios e valores da sociedade Ocidental, neste caso estamos mergulhados na era do terror (irracional e racional do Estado). “O sacrifício da moral e da virtude e a aceitação de todos os meios que constantemente justificou pelo fim só são aceitos, a rigor, em função de um fim cuja probabilidade é razoável” (CAMUS, 2018e, p. 306). Diante disso notamos que as revoluções perderam todo o sentido, não se luta pela justiça e nem pelo direito a vida, ou seja, a vida do outro pode ser descartada para se alcançar esse fim.

Em virtude de tudo que foi discutido sobre a revolta metafísica e a revolta histórica, o filósofo franco-argelino propõe a formação de um novo *Ethos* para a Sociedade

²⁹ Segundo Camus (2018e, p. 242) “o individualismo romântico da revolução alemã se realiza, finalmente, no mundo das coisas. O terror irracional transforma os homens em coisas, em “bacilos planetários”, segundo a fórmula de Hitler”.

Ocidental. Isso será possível si mantermos na revolução um valor, visto que a revolução não deve matar o sentimento de revolta, já que não queremos construir um império da servidão para isso é necessário mantermos o princípio da solidariedade humana.

A revolta, na verdade, lhe diz e irá dizer-lhe cada vez mais alto que é preciso agir, não para começar um dia a existir, aos olhos de um mundo reduzido ao consentimento, mas em função dessa existência obscura que já se manifesta no movimento de insurreição. Esta regra não é formal, nem está sujeita a história, como poderemos observar ao descobri-la em um estado puro na criação artística. Antes, porém, consideremos apenas que ao “Eu me revolto, logo existimos”, ao “Nós estamos sós” da revolta metafísica, a revolta em conflito com a história acrescenta que, em vez de matar e morrer para produzir o ser que não somos, temos de viver e deixar viver para criar o que somos (CAMUS, 2018e, p. 325).

Portanto Camus propõe uma revolta criadora e não uma aniquilação do homem, o homem revoltado está reivindicando o que ele já é, não estabelecendo um plano utópico calcado numa esperança universal. Para que essa revolução criadora seja possível é necessário um equilíbrio, ou seja, deve-se abandonar a totalidade da revolta metafísica e da revolta histórica e focar na unidade da revolta, o respeito à vida.

3 A CRIAÇÃO SEGUNDO ALBERT CAMUS

Neste momento discutiremos sobre a ilustração mais absurda do filósofo franco-argeliano, o artista, e para fazermos o experimento desse processo de criação analisaremos: *A náusea* de Jean-Paul Sartre e o romance *O estrangeiro*, para identificamos o que Albert Camus nomeia de romance de tese e absurdista.

Diante disso apresentaremos o debate sobre o papel do escritor e sua responsabilidade com a sociedade, mas prevenimos que Camus não está propondo a arte como um fim útil e sim como um diálogo, a proposta dele é uma medida entre a razão e a sensibilidade.

3.1 O papel do escritor engajado

O escritor franco-argeliano apropria-se de sua escrita como forma de denunciar as situações limites diárias e a realidade humana então ele parte pela concepção do presente, isto é, o presente é a matéria prima de seus escritos. A escrita engajada possui um fundo ético, o escritor responsabiliza-se por tudo que escreve e os resultados futuros da mesma.

Camus denuncia a aparente normalidade dos fatos daquele período, o extermínio em massa da humanidade, e o sentimento de indiferença em relação àquelas atrocidades³⁰ cometida contra a humanidade. Segundo Sampaio (2017, p.31) “a tarefa ética do escritor engajado para ele deve se dar a partir de dois pontos: a honestidade e a resistência”. O intelectual deve possuir responsabilidade ética com a coletividade, e a obrigação de transparecer uma honestidade na escrita e se manter resistente às formas de opressões que surgirem.

Em suma, podemos dizer que há em Camus um compromisso para com a responsabilidade coletiva do escritor engajado diante da responsabilidade de destruição do mundo a partir dos novos acontecimentos do século XX, havendo para ele uma exigência ética de responsabilidade diante das situações concretas de um presente que se torna cada vez mais aniquilador em diversas dimensões (SAMPAIO, 2017, p. 31).

Essa preocupação com o tempo presente é uma característica marcante em Camus, pois ele estava justamente indo contra essa ideia de progresso a todo custo, a esperança em algo futuramente melhor estava mascarando a aniquilação de civilizações inteiras. Diante

³⁰ Primeira Guerra Mundial, crises econômicas, o nazismo, o fascismo, a Segunda Guerra Mundial.

disso o escritor possui uma responsabilidade, tanto com relação a sua escrita, quanto ao seu silêncio. O escritor engajado é aquele que rompe com o silêncio, ou seja, recusa. Mas é necessário enfatizar que o silêncio pode ser uma maneira que alguns artistas revolucionários encontraram para se posicionarem diante de uma determinada situação, isso não significa que se devem fechar os olhos para as atrocidades. “Mesmo o silêncio pode ser ruidoso, sobretudo, quando é um artista ou jornalista engajado e reconhecido, como no caso de Camus” (SAMPAIO, 2017, p. 37). Na ação engajada de Albert Camus notamos em vários momentos de sua trajetória a ação do silêncio.

Camus coloca-se como combatente das decadências do seu tempo, que chegaram a consequências extremas, os regimes totalitários, tanto da esquerda quanto da direita. “O século XVII foi o século das matemáticas, o século XVIII o século das ciências físicas, e o século XIX o da biologia. O nosso século XX é o século do medo” (CAMUS, Apud, SAMPAIO, 2017, p. 48). O sentimento de medo que penetrava em todos os cidadãos das nações teve um fundamento científico, o progresso que a ciência anunciava, tinha como consequência a legitimação do assassinato, o massacre humano era necessário para que alcançássemos o futuro prospero e “ideal”.

De acordo com Camus o intelectual possui uma tarefa ética que é justamente romper com o silêncio. “Sim, o que é necessário combater hoje é o medo e o silêncio [...]. O que é necessário defender é o diálogo e a comunicação universais dos homens entre si. A servidão, a injustiça, a mentira, são pragas que cortam a comunicação e impedem o diálogo” (CAMUS, Apud, SAMPAIO, 2017, p. 51). É necessário combater o medo e promover um diálogo entre os homens, uma união, e o intelectual através da escrita possui essa responsabilidade, diante disso ele tece críticas sobre intelectuais que as ideologias legitimam a violência e o assassinato.

Camus critica as filosofias políticas que, elaboradas no conforto dos cafés, dos escritórios dos jornais ou das Academias, incentivam a violência sem levar em consideração que também está em jogo o embate político em sua extremidade é a possibilidade de destruição do mundo, diante dos fatos aniquiladores numa potência de violência nunca vista anteriormente, banalizando a vida. Se do ponto de vista antropológico-filosófico a violência parece ser inevitável, do ponto de vista da responsabilidade do escritor ela jamais pode ser legitimada (SAMPAIO, 2017, p. 54).

Os filósofos devem ser responsabilizados por suas teorias e ideias utópicas que levaram ao assassinato de pessoas. Essas ideias propagadas estão sendo usadas como fundamentação para políticas revolucionárias, que legitima a morte de pessoas por um ideal.

Mas não devemos ser ingênuos ao ponto de acreditar que os escritores engajados erradicarão os assassinatos revolucionários, mas pelo menos não legitimem a violência.

Nenhum de nós é tão grande para tal vocação. Mas, dentro de todas as circunstâncias de sua vida, obscuro ou provisoriamente célebre, jogado aos ferros da tirania ou livre por um tempo de se exprimir, o escritor pode reencontrar o sentimento de uma comunidade viva que o justificará, com a única condição que ele aceite, tanto quanto lhe for possível, os dois compromissos que fazem a grandeza do seu ofício: o serviço da verdade e da liberdade. Já que sua vocação é a de reunir o maior número de homens possível, ela não pode se acomodar à mentira e à servidão que, lá onde elas reinam, fazem proliferar as solidões. Quaisquer que sejam as nossas enfermidades pessoais, a nobreza do nosso ofício sempre se enraizará em dois compromissos difíceis de manter: a recusa de mentir sobre o que se sabe e a resistência à opressão (CAMUS, 1957)³¹.

O discurso pronunciado por Camus ao receber o prêmio Nobel de literatura deixa claro a dimensão do compromisso dele em relação ao seu trabalho enquanto escritor e a sua reponsabilidade com a sociedade, mas é necessário enfatizar que a escrita dele não é apenas uma pretensão moral e sim ética com a humanidade.

Contudo o compromisso e reponsabilidade de Camus enquanto um escritor não se limita aos seus escritos jornalísticos e filosóficos, também estão presentes em todas as suas produções intelectuais. Estamos diante de uma fundamentação ética da criação, ou seja, Albert Camus rompe com as abordagens tradicionais da literatura e da filosofia, para fundar um novo ethos, a literatura é usada por ele como um ponto de tensão para podermos compreender o homem e o mundo. Como afirma Araújo (2013, p. 24) “a arte enquanto espelho da complexidade do mundo, é um ponto privilegiado de acesso à nossa percepção desse mundo”. Porém é necessário esclarecer que a arte não é a solução para o absurdo, com a arte podemos manter um diálogo criativo com o absurdo, a manutenção do conflito.

3.2 Criação Absurda

Para Camus, a existência humana é o experimento fundamental para a criação, porém como nascem as grandes obras? O que está por trás do processo de criação? Quais os sentimentos que existem por traz de uma criação artística? Qual a importância da arte na vida humana, e qual sensação nos possibilitam? Albert Camus é esse artista que vai nos guiar nessa investigação profunda sobre a arte e o sentido dela em nossas vidas. Ele que viveu consciente da absurdidade da existência humana no mundo.

³¹ Discurso de Camus ao receber o prêmio Nobel de literatura em 1957, tradução de Pedro Gabriel de Pinho Araújo em anexo na dissertação *O papel do escritor em Albert Camus*.

Em meio às obras de Albert Camus fica claro que ele não separa literatura e filosofia, ou seja, não há uma oposição entre arte e a filosofia em suas obras, ele é deste modo, um escritor consciente. No ensaio *O mito de Sísifo*, ele se detém em um tópico sobre a criação absurda, diante disso convém perguntar. O romance pode ser uma arte absurda? E o que é uma criação absurda? Camus coloca a criação absurda como uma atitude consciente, que o artista toma quando constata o absurdo da vida. Uma criação é verdadeiramente absurda, quando não há esperança, o artista não deve dá uma conclusão ao problema do absurdo, apenas descreve minuciosamente os problemas existenciais. Portanto, Camus inaugura o seu método de análise do absurdo existencial no processo de criação. “O método aqui definido confessa a sensação de que todo conhecimento verdadeiro é impossível. Só se pode enumerar as aparências e apresentar o ambiente” (CAMUS, 2018f, p. 26). *O estrangeiro* é um exemplo de criação absurda no próprio Camus.

Enfim, *O estrangeiro* não é apenas uma obra que coloca o problema do absurdo, mas uma criação propriamente absurda. Meursault sempre viveu conforme as regras do absurdo, ele é um homem sem esperança, sem perspectiva, sem ambição. Sua vida limita-se à simplicidade do dia a dia. Meursault não entra no jogo da sociedade: ele não mente (PIMENTA, 2010, p. 88).

O romance *O estrangeiro* é uma genuína criação absurda, Meursault é uma pessoa comum em uma rotina comum, mas ele possui um diferencial, pois não tem fé e nem esperança aceita o mundo e o absurdo de existir nesse mundo sem atrelar a sua existência a algo superior, é consciente de tudo e mesmo diante do cadafalso mantém a felicidade é feliz por viver a sua vida.

Albert Camus é um pensador do seu tempo, ou seja, ele cria a partir de seu tempo já que escreve sobre as dores do seu tempo as que ele presenciou, por isso, não podemos esquecer a escrita engajada desse artista-filósofo. Para Camus o escritor possui uma responsabilidade com a humanidade. “Portanto, a grandeza da profissão do artista é o fato de estar a serviço da verdade e da liberdade. O mérito da criação está no grito de aflição em um mundo condenado à morte” (PIMENTA, 2010, p.94). Em meio a isso é observável a importância e o papel do escritor na sociedade, o artista deve criar a partir da realidade, em meio ao absurdo da existência, o artista surge em um “grito” de denúncia de toda a injustiça do mundo. “A grande arte reside na constante tensão entre a beleza e a dor. A liberdade é precisamente a paixão do artista por sua criação, símbolo de um pensamento limitado, moral e revoltado” (PIMENTA, 2010, p. 103). A arte possui uma estrita relação com o sentimento e o estado de revolta.

Enfim, Camus é um filósofo vitalista que defende a tese de uma literatura como fonte de conhecimento e filosófica que supera a oposição entre arte e filosofia, onde a essência do homem é exteriorizada pela criação, o que faz com que sua estética do absurdo seja trágica, como o próprio absurdo (PIMENTA, 2010, p. 106).

Albert Camus expõe que o criador é um dos mais fantásticos personagens absurdos, por que criar é viver a máxima da existência. O artista absurdo não explica e nem resolve, isto é, não dar uma conclusão, ele simplesmente sente e descreve como ele afirma “Descrever, eis a suprema ambição de um pensamento absurdo” (p. 2018f, 98). O artista sendo assim deve se sentir vitorioso em só descrever o sentimento de absurdidade do mundo e do homem.

E nós modernos somos atormentados, não sabemos lidar com a finitude, negamos insistentemente, o artista é esse herói que mostrar todo o absurdo do mundo:

A obra absurda exige um artista consciente dos seus limites e uma arte em que o concreto não signifique nada além de si mesmo. Ela não pode ser o fim, o sentido e o consolo de uma vida. Criar ou não criar não muda nada. O criador absurdo não se apega à sua obra. Poderia renunciar a ela; às vezes, renuncia (CAMUS, 2018f, p. 100).

A criação absurda nega a esperança, “vivo na ausência da esperança; mas a ausência de esperança, não é o desespero: é a aceitação do imediato” (SIMON, 1967, p. 150). Essa criação não tem e não espera um futuro, nesse sentido o artista absurdo passa por um processo de ascese tanto a si mesmo quanto a própria obra sofre um processo de amadurecimento. Para que uma obra seja absurda, é necessário que se mantenha o sentimento do absurdo.

Por isso peço à criação absurda o mesmo que exigia do pensamento: revolta, liberdade e diversidade. Depois ela manifestará sua profunda inutilidade. Nesse esforço cotidiano em que a inteligência e a paixão se misturam e se arrebatam, o homem absurdo descobre a disciplina que será essencial de suas forças. A aplicação necessária, a obstinação e a clarividência coincidem assim na atitude conquistadora. Criar é também dar uma forma ao destino. Todos esses personagens são definidos por sua obra, ao menos tanto quanto a definem. O comediante nos ensinou: não há fronteira entre o parecer e o ser (CAMUS, 2018f, p. 116).

Criar é um ato de revolta e liberdade nesse mundo absurdo. O artista enquanto uma das ilustrações de homem absurdo de Camus é o mais enigmático é aquele que grita para o mundo a sua revolta.

3.3 Romance de tese e Romance absurdistas

Tese em sua definição fechada é quando se propõe discutir um problema, em particular a existência, e surge uma proposição que deve ser defendida e constatada. E algo absurdistas, seria o quê? Levando pelo lado literal seria algo irracional, desprovido de propósito, porém nossa investigação vai além dessas definições, Camus nos apresentará a ambiguidade na criação.

Segundo Camus (2018f, p. 103) “os grandes romancistas são romancistas filósofos, ou seja, o contrário de escritores com teses”. Ou seja, ele está analisando os que ele chama de romancistas existenciais, em particular os heróis de Dostoiévski, que tratam de temas absurdos como Kirilov que é um personagem absurdo ele descarta a existência de Deus, para se tornar deus a revolta e a liberdade desse personagem, o leva a morte, ao suicídio. Para ele esses romances possuíam toda uma lógica absurda, mas pecam quando se fecham em uma tese.

O nosso debate nesse momento é entre o absurdo existencial dos romancistas existencialistas em particular Sartre e o absurdo enquanto um elemento do romance absurdistas de Camus. Logo, a nossa questão está entre o conceito de arte pela arte e a arte enquanto uma estética existencial. Na obra *A inteligência e o cadafalso* nota-se esse debate sobre a literatura em Albert Camus, isto é, a apresentação de uma linguagem literária absurdistas. O romancista deve buscar um equilíbrio entre a medida e a desmedida do mundo, a beleza não está na forma pela forma, mas no confronto entre a dor e a beleza, o romancista absurdistas equilibra a atividade do pensamento com a atividade do artista. Como afirma Camus (2018a, p. 17):

É preciso ser dois quando se escreve. Na literatura francesa, o grande problema é traduzir o que sentimos para aquilo que queremos que seja sentido. Chamamos de mau escritor aquele que se exprime levando em conta um contexto interior que o leitor não pode conhecer. O autor medíocre, dessa forma, é levado a dizer tudo o que lhe agrada. A grande regra do artista, ao contrário, é esquecer parte de si mesmo em proveito de uma expressão comunicável. Isso não ocorre sem sacrifícios. E esta busca de linguagem inteligível, que deve descobrir a desmedida de seu destino, leva-o a dizer não aquilo que lhe agrada, mas aquilo que é necessário. Grande parte do gênio romanesco francês está nesse esforço esclarecido de dar aos clamores da paixão a ordem de uma linguagem pura. Em resumo, o que triunfa nas obras de que falo é uma certa ideia preconcebida – a inteligência.

A inteligência não está no plano exterior e nem em conceitos, não buscamos formar uma ordem, mas desconfiamos de algo dado, busca-se ir além da descrição, o romance deve expressar suas próprias reações, a inteligência é parte do processo de criação, ela nos

induz a captar pela razão o que já conhecemos por meio das paixões que é inerente ao homem.

Quando Camus comenta o romance *A náusea* em 1938, ele apresenta como um romance sem vivacidade, os conceitos surgem de forma expressiva em comparação com as experiências do indivíduo, ele interpreta a narrativa sartreana a partir de uma certa mecanização da existência.

A náusea nos coloca diante do dilema existencial do personagem *Antoine Roquentin*, durante a realização de um trabalho na cidade de *Bouville* sobre o marquês de *Rollebon*. A náusea apresenta-se ao personagem durante a sua rotina diária de trabalho, mas mesmo após o encontro com esse sentimento não acontece uma mudança na subjetividade desse indivíduo, ou seja, não há um desmoronamento do cenário, *Roquentin* não tira nenhuma consequência da náusea.

É bem possível, afinal, que se trate de uma pequena crise de loucura. Já não há vestígios dela. Meus estranhos sentimentos da outra semana me parecem bastante ridículos: já não me identifico com eles. Essa noite, estou muito à vontade, burguesamente instalado no mundo. Esse é meu quarto, virado para o nordeste. Embaixo, a rua dos Mutilés e o canteiro de obras da nova estação. De minha janela, na esquina do bulevar Victor-Noir, vejo a flâmula vermelha e branca do Rendez-vous des Cheminots. O trem de Paris acaba de chegar. As pessoas saem da antiga estação e espalham-se pelas ruas. Ouço passos e vozes. Muita gente espera o último bonde. Devem formar um grupinho triste em torno do lampião de gás, bem embaixo de minha janela. Ainda terão que esperar alguns minutos: o bonde não passa antes das 22h45. Tomara que não cheguem caixeiros-viajantes esta noite: desejo tanto dormir e estou com o sono tão atrasado!... Com uma noite bem-dormida, uma só, todas essas histórias seriam varridas de minha cabeça (SARTRE, 2019, p. 16-17).

Durante essa passagem do romance notamos que *Roquentin* se deparou com o sentimento da náusea há alguns dias, e que para ele é apenas uma crise de loucura que com o tempo vai passar, mesmo ele tendo consciência que não é apenas uma crise ele prefere ignorar a experiência da náusea, isto é, ele está fugindo da náusea, focando no exterior e aniquilando sua experiência interior. Posteriormente no final do romance ele ainda tenta aniquilar a experiência da náusea, como demonstra esse fragmento “a verdade é que não posso soltar minha caneta: acho que vou ter a Náusea e tenho a impressão de retardá-la enquanto escrevo. Então escrevo o que me passa pela cabeça” (SARTRE, 2019, p. 195).

A existência que aparece na náusea não é uma existência solitária, já que durante os devaneios de *Roquentin* há a presença do outro, ou seja, a necessidade do outro. “É isso então o que me espera? Pela primeira vez me incomoda está só. Gostaria de falar com alguém sobre o que está acontecendo, antes que seja tarde demais, antes que eu comece a assustar os garotinhos. Gostaria que Anny estivesse aqui” (SARTRE, 2019, p. 24). É como se a

existência precisasse de um “ponto de referência” no caso do personagem a sua existência é ligada ao trabalho e o elo com *Anny* – uma dependência.

Enfio a carta de Anny em minha carteira: ela me deu o que podia, não posso remontar à mulher que a teve nas mãos, dobrou-a, colocou-a no envelope. Será possível pensar em alguém no passado? Enquanto nos amávamos, não permitimos que o mais ínfimo de nossos instantes, a mais leve de nossas dores se desligassem de nós e ficassem para trás. Os sons, os odores, os matizes do dia, até os pensamentos que não nos dissemos, tudo isso nos acompanhava e tudo permanecia vivo: não cessámos de desfrutá-los ou de sofrer por eles no presente. [...] E então, quando Anny me deixou, de repente, de uma só vez, os três anos, como um todo, desmornaram no passado. Sequer sofri: me sentia vazio. Depois o tempo começou a passar e o vazio aumentou. A seguir, em Saigon, quando decidi regressar à França, tudo ainda permanecia - rostos estranhos, praças, cais à beira de longos rios - , tudo se aniquilou. E aí está meu passado é apenas um enorme buraco. Meu presente: essa empregada de corpete preto entregue a seus devaneios perto do balcão, esse homenzinho (SARTRE, 2019, p. 81-82).

A narrativa apresenta-se três dimensões da temporalidade – passado, presente e futuro, o encontro com a náusea acontece no presente, mas o passado é representado nos pensamentos de *Roquentin* quando se lembra de sua amada e o futuro surge como uma resposta para todas as perguntas do presente há um planejamento para o futuro. Logo a existência presente n’*A náusea* precisa das referências do passado e do planejamento do futuro, é como se o presente não dissesse o suficiente da existência, ou seja, o contrário do romance *O estrangeiro* no qual a narrativa permanece no presente.

A solidão de *Roquentin* é uma solidão acompanhada, ele nunca está só em seus devaneios, o outro é uma presença constante, o outro é quem diz da existência do indivíduo. Na peça *entre quatro paredes* fica evidente o quanto a existência do indivíduo está ligada ao outro, na fala de Inês isso fica definido.

Mais tarde eu lhe direi. Eu, sim, sou má. Quer dizer, preciso do sofrimento dos outros para existir. Uma tocha. Uma tocha nos corações. Quando estou sozinha, me apago. Durante seis meses, eu ardi no coração dela: queimei tudo. Uma noite ela se levantou, foi abrir a torneira de gás, sem que eu percebesse. Depois voltou e se deitou ao meu lado. É tudo! (SARTRE, s/d, p. 13).

Durante toda peça notamos que a existência dos personagens possui um elo, o centro da trama é o julgamento do outro, isto é, um é o carrasco do Outro. Tanto é que quando Inês faz julgamento dos atos de *Garcin* e o chama de covarde ele aceita, ele sente a necessidade do julgamento do outro, o que ele acha não tem importância. A afirmação “o inferno são outros!” consagra toda a trama, pois não há tortura maior que o julgamento do outro, em contrapartida há a necessidade dessa definição da existência do indivíduo pelo outro:

Em si, na verdade, o livro não se apresenta como um romance, e sim como um monólogo. Um homem julga sua vida e a partir dela julga a si mesmo. Quero dizer que analisa sua presença no mundo, o fato segundo o qual mexe seus dedos e come em hora fixas – e o que encontra no fundo do ato mais elementar é seu absurdo fundamental (CAMUS, 2018a, p. 120).

Portanto a sensação que o romance de tese de Sartre nos apresenta é uma viagem até o absurdo, mas essa constatação é um limite, enquanto que para Camus o absurdo é apenas o ponto de partida, por que para ele a vida pode ser espetacular mesmo diante da tragicidade da existência.

3.4 A absurdidade no romance *O estrangeiro*

As obras *O mito de Sísifo* e *O estrangeiro* foram publicados em 1942. Na primeira Camus trabalha com a noção de absurdo, que está no plano da sensibilidade, Sísifo é o herói absurdo, é condenado pelos deuses a um destino trágico, ele é trágico porque é um herói consciente do seu destino, já que ele despreza os deuses e rejeita o destino que eles lhe impuseram, por meio desse movimento ele exalta a sua paixão pela vida. Camus afirma que precisamos imaginar Sísifo feliz realizando a sua tarefa pela eternidade. Já no romance *O estrangeiro* está presente o sentimento do absurdo, que está no plano da inteligência, Meursault é um herói absurdo, ele nega os valores morais convencionais e se nega a entrar no jogo do tribunal.

O romance inicia-se “hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: ‘Sua mãe faleceu. Enterro amanhã’. ‘Sentimentos pêsames.’ Isso não esclarece nada. Talvez tenha sido ontem.” (CAMUS, 2019, p. 13). Meursault é um herói trágico, durante todo o seu percurso até o cadafalso ele age com indiferença ao mundo e as coisas que estão acontecendo com ele. Nessa obra nota-se uma das características mais fortes nas obras camusianas, que é o hábito maquinal, o costume cotidiano. Seguindo toda a sequência da vida de nosso herói, observa-se a repetição da expressão “tanto faz”. “Meursault, de certa forma, não vive propriamente. Ele apenas reage ao ambiente em que está inserido. Viver ou morrer, amar ou ser feliz, tudo isso lhe é indiferente” (AMORIM; MOREIRA, 2016, p. 236). Porque esse personagem absurdo continua a sua vida diária após a morte de sua mãe, ele não espera nada da vida, simplesmente vive a sua existência, Meursault é um personagem enigmático.

Desci para comprar pão e massas, cozinhei e comi de pé. Quis fumar um cigarro na janela, mas o tempo tinha refrescado e senti um pouco de frio. Fechei as janelas, e ao voltar, vi no espelho um canto da mesa com a lamparina de álcool entre pedaços de pão. Pensei que passara mais um domingo, que mamãe agora estava enterrada, que ia retomar e que, afinal, nada mudara. (CAMUS, 2019, 32)

Meursault vive como um homem qualquer, possui um trabalho, amigos e vive paixões, dia a pós dia ele realizava a mesma tarefa no escritório, quando sua mãe morre no asilo ele vai ao enterro e não demonstra tristeza. Estava tão cansado da sua rotina de trabalho e da longa viagem até o asilo, que simplesmente queria que tudo acabasse para poder descansar. Um dia após o enterro de sua mãe, ele vai à praia e reencontra uma ex-colega de trabalho que sentia atração, Marie. Iniciaram um relacionamento amoroso. Posteriormente envolve-se em uma vingança a pedido do seu amigo Raymond que queria castigar sua ex-amante, que se findou no assassinato do árabe.

Todo o meu ser se retesou e crispei a mão no revólver. O gatilho cedeu, toquei o ventre polido da coronha e foi aí, no barulho ao mesmo tempo seco e ensurdecidor, que tudo começou. Sacudi o suor e o sol. Compreendi que destruíra o equilíbrio do dia, o silêncio excepcional de uma praia onde havia sido feliz. Então atirei quatro vezes ainda no corpo inerte em que as balas se enterravam sem que se desse por isso. E era como se desse quatro batidas secas na porta da desgraça. (CAMUS, 2019, p. 64)

Todo o desenrolar do cadafalso de Meursault inicia-se, ele vai preso e é interrogado pelo juiz, durante o interrogatório o juiz se deparou com um suspeito diferente, aquele homem reagia diferente dos outros suspeitos que já interrogara. “Os criminosos que aqui estiveram diante de mim sempre choraram diante dessa imagem de dor” (CAMUS, 2019, p. 73). Meursault não sabia como funcionava todo aquele processo quando o advogado chegou e falou que havia investigado o seu passado ficou supresso. Começa-se a desenrolar o destino do personagem do romance *O estrangeiro*.

O absurdo é o “ingrediente” principal dessa obra, durante toda narrativa do romance nota-se particularidades nesse julgamento, o questionamento de seu sentimento pela mãe e sobre a sua fé. Quando interrogado da sua fé, fala que não acredita em Deus. Percebe-se que esse réu não está sendo julgado somente pelo crime de assassinato. Sendo que estavam mais intrigados pelo fato dele não ter chorado no enterro de sua mãe, pelo início de relacionamento, a ida ao cinema no dia seguinte. Estavam fazendo um julgamento moral desse réu?

Depois de um silêncio levantou-se e afirmou que queria me ajudar, que ele se interessava por mim, e que com a ajuda de Deus faria alguma coisa em meu favor. Mas, antes, queria fazer-me mais algumas perguntas. Sem transição, perguntou se eu amava mamãe (CAMUS, 2019, p. 71).

Meursault reconhece a sua própria situação, tanto que o ambiente da prisão lhe tornou familiar e aconchegante, ele acomoda-se a sua realidade. Como ele próprio relata, quando fala da ida de sua mãe para o asilo, que no início foi difícil está lá, mas com o passar do tempo acostumou-se, se caso tirasse ela de lá, certamente sofreria muito. Chegado o dia do seu julgamento, estavam decidindo o destino de Meursault. Cada vez se confirmava o sentimento de absurdidade. O que estava em jogo era a “alma” e os princípios morais desse homem, julgar se ele podia retornar a sociedade. Após a saída da sentença, Meursault é condenado à morte.

Meursault recusou várias vezes à visita do capelão era contra os seus princípios, não acreditava em Deus, não possuía nenhum sentimento de esperança. Ele estava certo da sua vida e mais ainda de sua morte. Para ele não importava viver 20 ou 40 anos, simplesmente tanto faz, a morte era algo natural que aconteceria a todos os seres humanos. Esse herói absurdo se manteve consciente em toda a sua existência absurda. Recusou-se a aceitar Deus e não tinha esperança em outra vida. E quando interrogado pelo capelão sobre desejar outra vida, ele responde “uma vida na qual eu pudesse lembrar desta vida” (CAMUS, 2019, p. 123). O tema da morte é algo que é sempre abordado nas obras de Albert Camus, em particular no romance *O estrangeiro* ela aparece em três momentos marcantes da história, a morte da mãe, a morte do árabe, a condenação de Meursault ao cadafalso. Pois a morte marca o fim da existência absurda e não podemos eliminar esse fim, no caso de nosso herói a certeza de sua morte lhe possibilita momento de reflexão. Mas convém esclarecer que Albert Camus nos coloca diante de tipos de morte, a da mãe como algo natural da existência humana, a morte do árabe como um crime passional e por fim a condenação de Meursault como um crime lógico, o Estado é o responsável, ou seja, há a institucionalização da morte.

Nesse momento, e no limite da noite, soaram sirenes. Anunciavam partidas para um mundo que me era para sempre indiferente. Pela primeira vez em muito tempo pensei em mamãe. Pareceu-me compreender por que, ao fim de uma vida arranjara um “noivo”, porque recomeçara. Lá, também lá, ao redor daquele asilo onde várias vidas se apagavam, a noite era como uma trégua melancólica. Tão perto da morte, mamãe deve ter-se sentido liberada e pronta a reviver tudo. Ninguém, ninguém tinha o direito de chorar por ela. Também eu me senti pronto a reviver tudo. Como se esta grande cólera me tivesse purificado do mal, esvaziado a esperança, diante desta noite carregada de sinais e de estrelas eu me abria pela primeira vez à terna indiferença do mundo. Por senti-lo tão parecido comigo, tão fraternal, enfim, senti que tinha sido feliz e que ainda era (CAMUS, 2019, p. 126).

O herói absurdo é aquele que aceita sua condição, e a absurdidade do mundo. Meursault não nega a morte, aceita a sua vida. “Pensar sobre a morte é, acima de tudo, afirmar o amor pela vida” (AMORIM; MOREIRA, 2016, p. 254). Esse estrangeiro de Camus é esse

estranho aos costumes de uma sociedade, as normas morais e é estranho ao mundo. Meursault revolta-se com o mundo e com o seu cadafalso, apegando-se ao amor pela vida, morre seguindo a sua própria lógica, portanto precisamos imaginar tanto Sísifo quanto Meursault felizes.

Em suma o antagonismo entre o romance *A náusea* e *O estrangeiro* apresenta-se em virtude das pretensões de ambos os autores, visto que Camus ao criticar o romance de Sartre aponta as pretensões filosóficas dele, ou seja, a sua filosofia por imagens, já que o que existe por traz é a existência absurda, mas em contrapartida ele não aponta as consequência dessa filosofia é como se ficasse um vazio diante do absurdo apresentado. “É porque estou pensando – digo rindo – que aqui estamos, todos nós, comendo e bebendo, para conservar nossa preciosa existência, e que não há nada, nada, nenhuma razão para existir” (SARTRE, 2019, p. 132). O personagem de Sartre confessa o seu melodrama, pois ele confessa que a vida não vale a pena ser vivida, pois durante algumas passagens do romance fica claro que *Antoine Roquentin* se esquivava do sentimento da náusea, uma espécie de fuga, já que não se vai além da experiência da náusea.

Vou embora, sinto-me vago. Não me atrevo a tomar uma decisão. Se tivesse certeza de ter talento... Mas nunca – nunca escrevi nada nesse gênero; artigos históricos sim – e mesmo assim... Um livro. Um romance. E haveria pessoas que leriam esse romance e diriam: “Foi Antoine Roquentin que o escreveu, era um sujeito ruivo que estava sempre nos cafés.” E pensaria em minha vida, como eu penso na dessa negra: como em algo precioso e meio lendário. Um livro. Naturalmente, no início seria um trabalho tedioso e cansativo; não me importaria de existir nem de sentir que existo. Mas chegaria o momento em que o livro estaria escrito, estaria a trás de mim, e creio que um pouco de claridade iluminaria meu passado. Então, talvez, através dele, eu pudesse evocar minha vida sem repugnância. Talvez um dia, pensando exatamente nesse momento, nessa hora sombria em que aguardo, as costas encurvadas, o momento de subir no trem, talvez sentisse meu coração batendo mais rápido e dissesse a mim mesmo: “Foi naquele dia, naquela hora, que tudo começou.” E conseguiria – no passado, somente no passado – me aceitar (SARTRE, 2019, p. 200).

Nesse trecho visualizamos o objetivo da filosofia de Sartre nesse romance, isto é, a sua filosofia literária, pois é possível visualizar a crítica social que ele faz ao trabalho de recorte do escritor, e a pretensão de *Roquentin* de escrever um romance filosófico para explicar a náusea e a marginalização dos sentimentos humanos, uma espécie de salvação do homem por meio da arte.

Essa ambição de *Roquentin* seria a mesma de Sartre, escrever romances retratando temas filosóficos, para Sartre havia a necessidade de unir literatura com filosofia para explicar o homem e o mundo, mas *A náusea* é mais que um romance é um “tratado filosófico” sobre o

absurdo. Nesse romance escrito em forma de diário aparecem temas como o outro, a liberdade, individualidade, má-fé que serão trabalhadas em outras obras de Sartre. Já o romance de Camus não pretende algo no futuro tanto é que na última frase de Meursault deixa bem claro. “Para que tudo se consumasse, para que me sentisse menos só, faltava-me desejar que houvesse muitos espectadores no dia da minha execução e que me recebessem com gritos de ódio” (CAMUS, 2019, p. 126). O romance de Camus coloca os homens de nosso século de olhos abertos diante do absurdo da existência, logo nesse romance não confessamos o melodrama da vida. O artista romancista nesse sentido torna-se uma espécie de “deus” ele é o grande criador do mundo, mantendo o equilíbrio entre o homem e o mundo, a arte e o real.

CONCLUSÃO

Levando em consideração tudo que foi discutido nesse trabalho Camus é um autor enigmático, ele faz um convite à vida, propõe um “encarar” o mundo como ele é, diante da existência humana, e do absurdo do mundo. Ele é esse autor que possibilita esse despertar de consciência um ato de liberdade e revolta diante do absurdo.

Os autores existencialistas que abordamos, dando maior ênfase em Sartre, tiveram como objetivo marcar a diferença entre a filosofia existencialista e a filosofia absurdista, a pretensão nunca foi apresentar a filosofia existencial e os autores dessa corrente de forma abrangente, pois essa investigação deve ser realizada de forma minuciosa e detalhada. Sendo assim a pretensão era apresentar a filosofia e a literatura de Albert Camus.

Albert Camus a partir do absurdo construiu toda sua produção intelectual, como ele afirma o absurdo é o ponto de partida.

Sendo o absurdo o marco de toda a sua filosofia, então diante desse total esgotamento de sentido surge à revolta, a lógica mais corrente diante do despertar da consciência. A revolta apresenta-se na ambiguidade entre o sim e o não, ela funciona como um elemento de ligação entre os homens.

Para Camus temos duas grandes revoltas na sociedade Ocidental, a revolta metafísica, que é um duelo entre criatura e criador, nesse momento o homem está reivindicando o princípio de criação; e a revolta histórica que aconteceram em diversas civilizações, que resultam em homicídios, regicídios e deicídios.

O processo de criação está dentro dessa lógica, é o artista que está atormentado, mas não desesperado, que propõe um olhar consciente sobre a angústia existencial. A criação absurda não propõe uma solução, para o absurdo, apenas descreve.

Criar nesse mundo é um ato de revolta, Camus é um revoltado, ele cria a partir do sentimento de absurdidade. *O estrangeiro* é uma criação absurda, ele vai descrever toda a absurdidade na existência, Meursault recusa toda a moral da sociedade em que vive mesmo condenado à morte, ele exalta a vida, tem consciência que ela é única, e que mesmo diante do absurdo, precisamos ser felizes. A tomada de consciência é uma verdadeira ascese ela liberta o homem dos grilhões.

Os personagens Sísifo e Meursault são esses homens que tem consciência, estão acordados, e esse despertar é uma nova sabedoria. O estrangeiro de Camus é um indivíduo consciente de sua vida maquinal e metódica, vive a sua vida absurda, quando mais se aproxima a hora do seu cadafalso, ele apega-se ao sentimento de felicidade, que naquela vida

ele foi feliz. “É que ele é verdadeiramente um <estrangeiro>, nesse mundo onde nada lhe diz respeito, a não ser a alegria dos banhos na praia, a doçura das noites em Argel e o amor físico” (SIMON, 1967, p. 145). Portanto *O estrangeiro* é onde Camus concretiza-se o que ele discute como criação absurda em *O mito de Sísifo*.

O debate sobre a absurdidade de Meursault nos coloca diante do *ethos* moderno que Camus apresenta, ele não fundou um sistema filosófico, a sua atividade intelectual não foi “domesticada” pelas teorias filosóficas de seu século, o seu ato de filosofar consiste numa investigação profunda de si e da humanidade, esse filosofar é se encontrar no mundo ou simplesmente viver atormentado, a apreensão da consciência coloca o homem diante da ausência de unidade e sentido da existência e esse caminho é doloroso e necessário. Logo a pretensão de Albert Camus é a formação de um novo *ethos* moderno, nessa busca por esse *ethos* temos primeiramente um *ethos* absurdo ligado a uma ascese quantitativa (Don Juan, conquistador e o ator) n’*O mito de Sísifo* posteriormente ele consolida sua obra filosófico-literária em um *ethos* qualitativo (o revoltado) n’*O homem revoltado*, diante disso o artista é o modelo desse *ethos*, já que o artista tira do absurdo seus impulsos criativos ele cria por meio do movimento de revolta, sendo assim esse *ethos* está ligado a revolta, o artista revoltado concilia a atividade criadora com a atividade do pensamento, sem destruir a ambiguidade e a tensão do homem e do mundo.

Assim como as tragédias gregas ajudavam os gregos a lidar com a sua vida em sociedade, a arte para Camus funciona como uma medida para a tragicidade do mundo, a estética camusiana é o meio para compreender o sentido da vida, ou seja, ele fundamenta uma nova ética existencial. Se analisarmos Meursault por meio dos parâmetros da tragédia grega antiga notamos a ambiguidade na narrativa de Camus, ou seja, Meursault é assassino/inocente, sendo assim podemos ter noção da pretensão do filósofo franco-argeliano que é a formação de um novo *ethos* social, ou seja, não há somente uma preocupação moral e sim a formação de uma ética.

O *ethos* absurdo retira a esperança do homem e o desejo de futuro, a sua manifestação e constituição é no presente, como observamos no romance *O estrangeiro*.

A arte está dentro desse movimento de revolta, pois ela nega e exalta o mundo possibilitando uma unidade já que a revolta exige uma estética. De acordo com Camus (2018e, p. 335) “a arte nos conduzirá dessa maneira às origens da revolta, na medida em que tenta dar forma a um valor que se refugia no devir perpétuo, mas que o artista pressente e quer arrebatá-lo à história”. Sendo assim a arte não deve ser formal negando totalmente a realidade e construindo uma nova e nem realista, já que, a arte realista não é projeto de unificação da

realidade apenas totaliza o mundo. Como o romance e a revolta nasceram nesse tempo niilista ele transita nessa ambiguidade, não fugir do real e nem se concretiza no real, escrever além da vida cotidiana, o romance é uma procura ousada entre o desejo do homem por sentido e a ausência de sentido do mundo.

Mas a arte e a sociedade, a criação e a revolução devem, para tanto, reencontrar a origem da revolta, na qual recusa o consentimento, a singularidade e universal, indivíduo e história se equilibram na tensão mais crítica. A revolta não é em si mesma um elemento de civilização. Mas ela precede toda a civilização. Só ela, no impasse em que vivemos, permite esperar pelo futuro com que sonhava Nietzsche: “Em vez de juiz e do repressor, o criador.” (CAMUS, 2018e, p. 354).

Esse resgate da origem da revolta que ele está pretendendo é o *ethos* moderno que deve ser resgatado, em vez de uma história da humanidade construída por revolucionários sanguinários que tem como “bandeira” revoluções niilistas (tudo pode, tudo é permitido) deve ser construída por artistas revoltados, que possuem como “bandeira” a humanidade, a solidariedade e a liberdade já que segundo Camus (2018e, p.357) “a arte revoltada também acaba revelando o ‘Nós existimos’ e, com isto, o caminho de uma feroz humildade”. Como aponta Silva³² (2014, p. 102-103):

Como os gregos, Camus aprendeu que o homem é político, pois é somente na *polis* que os cidadãos podem viver juntos de acordo com leis que dão a si mesmos, livremente. Na moral de Camus, o homem é responsável por sua existência, para a qual é criador de sentido, e somos todos responsáveis por nossa maneira de viver em sociedade: a responsabilidade por si é também uma responsabilidade pelos outros. O movimento que vai do absurdo à revolta obriga a se passar do individual ao coletivo; a revolta individual toma todo seu sentido na medida em que ela se torna reconhecimento do valor de todos os indivíduos, tornando-se revolta em favor do outro.

Mediante o exposto não pretendemos esgotar o trabalho intelectual de Albert Camus nessa pesquisa, sendo assim essa monografia é o ponto de partida para abordagens sobre a filosofia camusiana. Esse autor que tem muito a nos dizer do seu século e nos fornece elementos para pensarmos o nosso século.

³² Posfácio da obra *A desmedida na medida*.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Pedro Gabriel de Pinho. **O papel do escritor em Albert Camus**. 110f. Dissertação de (Mestrado em Filosofia) – Departamento de filosofia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília. 2013.

AZEVEDO, Pedro Israel Saraiva de. **Do absurdo à revolta em Albert Camus**. 2017. 127f. (dissertação de mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Fortaleza, 2017.

CAMUS, Albert. **A desmedida na medida**. Trad. Raphael Araújo e Samara Geske. São Paulo: Hedra, 2014a.

_____. **A guerra começou, onde está a guerra?**. Trad. Raphael Araújo e Samara Geske. São Paulo: Hedra, 2014b.

_____. **Esperança do Mundo**. Trad. Raphael Araújo e Samara Geske. São Paulo: Hedra, 2014c.

_____. **A inteligência e o cadafalso**. Trad. Manuel da Costa Pinto e Cristina Murachco. Ed 4. Rio de Janeiro: Record, 2018a.

_____. **A peste**. Trad. Valerie Rumjanek. 24° ed. Rio de Janeiro: Record, 2018b.

_____. **O avesso e o direito**. Trad. Valerie Rumjanek. 9° ed. Rio de Janeiro: Record, 2018c.

_____. **O exílio e o reino**. Trad. Valerie Rumjanek. 9° ed. Rio de Janeiro: Record, 2018d.

_____. **O homem revoltado**. Trad. Valerie Rumjanek. 12° ed. Rio de Janeiro: Record, 2018e.

_____. **O mito de Sísifo**. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. 10° ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018f.

_____. **O estrangeiro**. Trad. Valerie Rumjanek. Ed. 45. Rio de Janeiro: Record, 2019.

FERREIRA, Vergílio. Da fenomenologia a Sartre. In: Sartre, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. Vergílio Ferreira. 3° Edição. Coleção Síntese/Editorial Presença, 1970.

FERREIRA, Vergílio. Vida e Obra. In: **O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método**. Trad. Vergílio Ferreira (etc. al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

GILES, Thomas Ransom. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.

JUDT, Tony. **O peso da responsabilidade: Blum, Camus, Aron e o século XX francês**. Trad. Otacílio Nunes. 1° ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

MACHADO, Patrícia de Oliveira. **Absurdo, revolta, ação: Albert Camus**. 2010. 106f. (dissertação de mestrado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Filosofia Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Brasília, 2010.

MALHO, Levi António Duarte. **Albert Camus: Filósofo?**. Revista da Faculdade de Letras: Filosofia, 01, p.205-218, 1971.

MOREIRA, Adonay Ramos; AMORIM, Wellington Lima. O absurdo no Romance: O estrangeiro de Albert Camus. In: QUEVEDO, Rafael Campos; MIRANDA, Wandelson Silva de (Org.). **Trechos de um diálogo demorado – Ensaios sobre Literatura e Filosofia**. São Luís: EDUFMA, 2016.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. Nihilismo como vontade de nada. In: **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. Trad. Clademir Aralde. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PERDIGÃO, Antónia Cristina. **A filosofia existencial de Karl Jaspers**. Rev. Análise Psicológica, 4, XIX, 2001.

PIMENTA, Danilo Rodrigues. **A criação absurda Segundo Albert Camus**. 2010. 120 f. dissertação (Mestre em Filosofia) – Instituto de Filosofia, Arte e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto. 2010.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Trad. Caesar Souza. 2º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SÁ, Dionísia Maria Rodrigues. **Uma leitura de Vergílio Ferreira no contexto do existencialismo**. 2009, 122 f. dissertação (Mestrado em Filosofia em Portugal) – Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2009.

SAMPAIO, Leandson Vasconcelos. **Ética, Engajamento e Responsabilidade em Albert Camus**. Ceará: EdUECE, 2017.

_____. **Jean-Paul Sartre “explicação de o estrangeiro” de Albert Camus**. Rev. Lampejo. Nº 9. p, 123-134, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Trad. Rita Braga. Ed. 25. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

_____. **Entre quatro paredes**. Trad. Guilherme de Almeida. Disponível em: <https://farofafilosofica.com/2017/02/23/jean-paul-sartre-17-livros-para-download-em-pdf/>. Acesso em: 07. Nov. 2019.

_____. **O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método**. Trad. Vergílio Ferreira (etc. al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

_____. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. Vergílio Ferreira. 3º Edição. Coleção Síntese/Editorial Presença, 1970.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Arte, subjetividade e história em Sartre e Camus.** Revista: Olhar, ano 2, N° 3, 2000.

SIMOM, Pierre-Henri. Albert Camus ou a invenção da justiça. In: **O homem em processo.** Trad. Mário Sepúlveda. Portugália Editora. 1967.

WOODWARD, Ashley. Nietzscheanismo e existencialismo. In: **Nietzscheanismo.** Trad. Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. p. 51-105.